

PREÂMBULO

ANSIEDADE

O ser humano, quase sempre, é insatisfeito, ansioso, insaciável, quando não explicitamente ganancioso. Muitas são as dificuldades existenciais. Esquecemos que a existência terrena é um curso de aprendizado, de ininterrupto aperfeiçoamento, incessante qualificação ético-espiritual. As matérias – situações ainda que rudes e recursos disponibilizados por mais precários – necessitam ser aprendidas, assimiladas, porquanto são demonstrações de nossas imperfeições e de nosso desconhecimento quanto ao inteiro teor dos conteúdos curriculares. Assim, ao aluno que não assimila ou desdoura as lições, resta-lhe a repetição de ano... O que dizer daqueles que, ao largo da vida, só buscam visibilidade, o interesse próprio - muitas às custas da depreciação de muitos e do suor anônimo de multidões - privilégios, postos hierárquicos expressivos, títulos sociais, bens a qualquer custo?!

Frugalidade, modéstia, temperança são ingredientes que nos cabem prodigalizar. Em tudo há aprendizado. Mais feliz será aquele que bem soube – e sabe – trabalhar as instruções e instrumentos que lhe foram concedidos pela Divindade.

Os transtornos da ansiedade e dos conflitos existenciais que tanto nos afligem! As dificuldades de exercitamento dos relacionamentos, onde delegamos, erroneamente, a terceiros nossas competências e decisões ou os responsabilizamos por nossos fracassos. Muitos temos problemas de déficits de autoconhecimento, autoconfiança. Causas: 1ª – o tipo de educação recebida (desestímulos, depreciações, bloqueios, reprimendas, superexcitação e superexposição de nossos erros); 2ª – frutos e resquícios de nosso temperamento atávico, de nossa natureza inconsciente, que se perde nos milênios evolutivos e civilizatórios.

Os especialistas recomendam-nos a racionalização de nossas emoções, o trabalharmos os sentimentos e causas de nossa insegurança, muitas delas providas de criações autógenas, fictícias, animistas ou mesmo de exacerbadas cobranças emotivas. Somos também condicionados por crenças infantis, a preocupação pueril, o agradar ou atender a aprovação alheia. Cabe-nos, sim, a tomada de atitude ante dificuldades e problemas ocorrentes, fixando valores, aflorando nossos talentos, muitas vezes enterrados. A busca de fontes edificantes – leituras sãs, o trabalho solidário, participação social e religiosa, cursos etc. O ser humano deve, enfim, buscar e retomar suas poderosas energias internas, sobrepular e sobrepor-se às deficiências, afirmando-se cotidianamente pela seu esforço no autoaprimoramento moral, intelectual, espiritual.

Viagem de Colombo à América



Há 530 anos, em outubro de 1492, houve a chegada dos espanhóis ao continente americano. Com isso, o termo “descobrimiento da América”, que aconteceu por meio da expedição liderada pelo navegador genovês Cristóvão Colombo.

Pág. 4

Como "Deus, Pátria e Família" entrou na política do Brasil

Manifesto divulgado 90 anos atrás pelo autor Plínio Salgado lançou o integralismo. Movimento de extrema direita é antecessor de discursos ultraconservadores da atual política nacional.

Pág. 8

Tontura nem sempre é culpa da labirintite

Quando o assunto é tontura, todo mundo já tem na ponta da língua a recomendação: “ah, procure um médico que deve ser labirintite”.

Pág. 13

ADIVINHAS

1- No meu jardim existe 3 pés de alface, 1 de pepino e 5 de cenoura. Quantos pés eu tenho no total?

2- Quando eu tinha 8 anos, a minha irmã tinha a metade da minha idade. Agora que tenho 55 anos, com quantos anos minha irmã está?

Respostas: 1- 1 - Eu tenho dois pés; 2- 51

Provérbios e Adágios

- Tudo como dantes no quartel de Abrantes
- Por causa do santo, beija-se o altar
- Duro, como boca de sino.
- Depois de mim virá quem bem me fará.
- Esquenta mas não ferve.



Para refletir

- Para evitar críticas, não diga nada, não faça nada, não seja nada. (Aristóteles)
- A felicidade não se resume na ausência de problemas e sim na sua capacidade de lidar com eles. (Albert Einstein)
- Boas pessoas não precisam de leis para obrigá-las a agir responsabilmente, enquanto as pessoas ruins encontrarão um modo de contornar as leis. (Platão)
- Um tolo encontra sempre outro ainda mais tolo que o admira. (Nicolas Boileau)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

AO PÉ DA FOGUEIRA

“LUGAR BÃO PRO MEU COMÉRCIO”

Quando do exercício de suas atividades como interventor em Minas ou mesmo quando deputado, o Dr. Julio Ferreira de Carvalho manteve sempre relação liberal e informal com os conterrâneos e pessoas que o visitava. Recebia a todos os são-tiaguenses de porta abertas, reconhecendo e cumprimentando-os pelo nome, informando-se da família e notícias da cidade natal.

M., comerciante local, proprietário de um empório de secos e molhados no bairro do Cerrado, indo resolver questões pessoais e comerciais na capital, decide dar uma passada na Assembleia que então funcionava à Praça da República ou Afonso Arinos, a fim de encontrar-se com o dileto amigo, o deputado Dr. Júlio, com quem mantinha estreitas relações, a quem intimamente chamava de “Julinho”.

Dr. Júlio recebe-o com toda cortesia e mostrando-lhe e acompanhando-o pelos corredores do vasto prédio, mostra-lhe o plenário, um mar de gente e de movimento incomum – ao contrário de toda pasmaceira interiorana, cidade de São Tiago com precaríssima iluminação elétrica – levando-o, ao final, até a porta de saída.

Na despedida, desejando colher a opinião do conterrâneo, pergunta-lhe:

- O que achou do prédio?

- Ah, Julinho, com esse movimento todo, lugar “bão” – hein sô!

– para botar meu comércio de fumo, cachaça, rapadura, cereais, queijaria e aquela biscoitada toda!



DR. JÚLIO FERREIRA DE CARVALHO, ilustre filho de São Tiago – advogado, deputado, interventor em Minas, professor universitário, juriconsulto, editor, nascido na Fazenda Várzea Alegre aos 28/01/1893 e falecido em Belo Horizonte aos 22/10/1962 há, portanto, 60 anos e a quem rendemos nossas referências.

Em 2023 – 130 anos de seu nascimento.

Realização:



Apoio:



São-Tiaguenses Notáveis

NILZA TRINDADE DE MORAIS CAMPOS



D. Nilza, pessoa simples, amável e inteligente. Recebeu-me com um farto café em sua residência, ao lado de seu esposo e filhos. Conversamos muito sobre sua trajetória de vida e me contou muitos “causos”.

Nascida em São Tiago, na zona rural, onde permaneceu até doze anos quando veio morar na cidade. Como era muito esforçada entrou direto para a 2ª série. Três professoras marcaram seus primeiros anos escolares: D. Alva, D. Irani Mendes e D. Ilza Rosa.

Teve infância rica na oralidade, principalmente pelo conhecimento e valores transmitidos pelos seus pais, gostava muito de ouvir histórias, músicas, poesias, rodas de conversa ao pé do fogão e casa cheia com familiares e ajudantes. Os meeiros cantavam, capinavam fazendo rimas, buscavam lenhas fazendo trocadilhos e ela, ainda criança, sempre atenta a esta criatividade do pessoal simples da roça.

Nilza fez parte da segunda turma do Curso Ginásial e da primeira turma de Curso Normal de nossa cidade. Kursou Licenciatura em Letras na FUNREI, atual UFSJ.

Na Escola Estadual “Afonso Pena Júnior”, trabalhou por 45 anos, sendo 12 na biblioteca, 18 no ensino básico, 10 no ensino médio e 5 anos na secretaria. Desse tempo, tem ótimas lembranças das amigas que fez com as colegas de trabalho, o reconhecimento dos alunos (inclusive da ex-aluna Sueli Santiago que sugeriu essa matéria), gratidão dos pais e a satisfação de dever cumprido.

Demonstrou preocupação com o ensino hoje no tocante das linhas variadas de avaliação, uso excessivo do computador, internet, vícios de linguagem oral, escrita errada, preguiça de pensamento, pais com necessidade de trabalhos fora e pouca valorização da música, poesia, prazer no estudar.

Sempre foi admiradora dos poetas, principalmente de Guimarães Rosa. No ano de 2000, conheceu o Rio São Francisco, era seu sonho. Entrou, tomou banho e vivenciou esta alegria de conhecer o Rio São Francisco, este desejo estava presente nela, desde o primário, quando sua professora D. Irani Mendes explicou este ponto da geografia.

É casada com o Sr. Joaquim Campos e teve cinco filhos: Ubaldo, Diana, Flávia, Kássia, Fausto. Hoje tem 6 netos.

Livros publicados: Uma Vertentes nas Gerais. Ano 2002; Antes do Amanhecer. Ano 2009; O Mundo da Gente. Ano 2013; Tempo do Acalanto. Ano 2017. Um ponto entre eles: paixão pela natureza, família, infância de vida rural, romantismo, prazer nas coisas simples.

Hoje D. Nilza vive de boas lembranças, faz leituras, orações, pouca TV e curte sua casa na zona rural ao lado de seus familiares.

Maria Elena Caputo
Professora/psicóloga



530 anos de Descobrimento da América

Descobrimento da América deu-se com a chegada da expedição espanhola liderada por Cristóvão Colombo à região das Antilhas em outubro de 1492.

O termo “descobrimento da América” é utilizado para a chegada dos espanhóis ao continente americano, em 12 de outubro de 1492. Isso aconteceu por meio da expedição liderada pelo navegante genovês Cristóvão Colombo. Essa expedição não foi idealizada com a proposta de chegar-se a terras desconhecidas, mas sim ao continente asiático.

A chegada dos espanhóis à América deu início ao processo de colonização do continente americano e também à disputa por terras com os portugueses. Apesar das evidências, Colombo nunca acreditou que tinha chegado a um novo continente. Apesar do feito, os espanhóis não foram os primeiros europeus a chegarem à América, pois os vikings tinham feito isso no século X.

AMÉRICA FOI DESCOBERTA PELOS EUROPEUS?

O uso do termo “descobrimento” para fazer-se menção à descoberta da América foi, e ainda é, arduamente debatido pelos historiadores. A maioria deles considera que o uso do termo “descobrimento” não é apropriado, uma vez que a expedição de Cristóvão Colombo não estava à procura de novas terras, mas sim da Ásia.

A ideia do descobrimento da América foi algo que surgiu posteriormente, ou seja, foi uma interpretação realizada acerca dos eventos relacionados à expedição de Colombo. O historiador Edmundo

O’Gorman afirma que a primeira menção à ideia de descobrimento aconteceu na primeira metade do século XVI e foi publicada em um livro escrito por Gonzalo Fernández de Oviedo.

Por conta dessas discussões, muitos historiadores tratam de usar outros conceitos para explicar esse acontecimento de 1492. Uns falam em “conquista da América”, outros em “invasão da América”, e ainda outros termos usados são “chegada”, “invenção” ou até mesmo “achamento”.

COLOMBO LIDEROU A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO EUROPEIA A CHEGAR À AMÉRICA?

Local onde ficava o assentamento construído pelos vikings na América do Norte, no final do século X.

A expedição de Colombo não foi a primeira expedição europeia a chegar à América. Os primeiros europeus a chegarem a esse continente foram os vikings, liderados por Leif Eriksson, um explorador que liderou uma expedição com 35 homens, no final do século X, e chegou à região da Terra Nova, atual Canadá. Entretanto, os vikings, diferentemente dos espanhóis e portugueses, não tiveram sucesso na tentativa de estabelecerem um assentamento na América.



GRANDES NAVEGAÇÕES

A chegada de Colombo à América em 1492 é um dos momentos mais significativos das grandes navegações. O século XV foi um momento de “quebra de fronteiras”, pois o homem começou a explorar o Oceano Atlântico. Os europeus não tinham ideia do que encontrariam navegando a oeste do Atlântico, mas, nesse século, pouco a pouco os mistérios foram sendo desvendados.

As grandes navegações foram, portanto, as explorações realizadas pelas embarcações europeias no Oceano Atlântico. Um primeiro fator importante nesse sentido foi uma melhoria tecnológica que permitiu o desenvolvimento de embarcações mais apropriadas à navegação marítima, além de uma série de instrumentos terem auxiliado na navegação e localização dos que navegavam.

No entanto, a navegação marítima não era realizada com motivo de exploração pela exploração. Ela tinha um forte interesse econômico, ou seja, só houve incentivo para essas expedições porque, por meio delas, um ganho econômico significativo poderia ser obtido via abertura do comércio de especiarias na Índia.

Esse interesse por novas rotas comerciais marítimas foi motivado, principalmente, pelo fechamento de rotas tradicionais que passavam por Constantinopla. Como a antiga capital bizantina estava nas mãos dos otomanos desde 1453, esse caminho foi barrado para os europeus cristãos.

O país pioneiro na exploração atlântica foi Portugal, pois esse país ibérico reunia uma série de condições que permitiram o investimento nesse empreendimento. Portugal tinha um reino politicamente estável, não estava em guerra, tinha um comércio em crescimento e uma localização geográfica que incentivava a exploração do oceano.

Os espanhóis entraram tardiamente nesse processo, sobretudo porque passaram longo tempo do século XV lutando contra os mouros no sul da península e porque a unificação dos reinos cristãos lá aconteceu de maneira tardia. Para não ficarem atrás dos portugueses, os reis espanhóis decidiram financiar um genovês, Cristóvão Colombo, para que fosse à Índia.

EXPEDIÇÃO DE COLOMBO

Em 12 de outubro de 1492, a expedição liderada por Cristóvão Colombo chegou a uma ilha que faz parte das Bahamas atualmente.

Cristóvão Colombo era um navegante genovês que iniciou sua carreira na década de 1470. Ele acreditava na ideia da esfericidade da Terra, e, desde a década de 1480, tinha mantido contatos com portugueses, ingleses e franceses à procura de investimento, mas foram os espanhóis que, em 1492, decidiram financiar sua expedição, composta por três embarcações.

Como defendia a esfericidade da Terra, Colombo afirmava que era possível alcançar a Índia navegando-se pelo oeste. O que ele não sabia, no entanto, era que no meio do caminho havia um continente desconhecido dos europeus e que a travessia seria muito mais longa do que ele esperava. De toda forma, no dia 3 de agosto de 1492,

Niña, Pinta e Santa María zarparam da Espanha rumo ao oeste.

Ao longo da viagem, Colombo teve problemas com os marinheiros porque eles se angustiaram com a demora em encontrar terra. Como Colombo acreditava que a Terra era menor do que era e que o Atlântico era estreito, ele deduziu que terra seria encontrada depois de algumas semanas, e os marinheiros agarraram-se a essa promessa.

De toda forma, a viagem seguiu, e os espanhóis avistaram terra no dia 12 de outubro de 1492. Eles haviam chegado a uma ilha no Caribe chamada pelos índios de Guanahani, mas Colombo renomeou-a como San Salvador. Os historiadores não sabem ao certo que ilha foi essa, mas sabem que ela fica nas Bahamas.

Colombo seguiu explorando a região e chegou à ilha que ficou conhecida como Hispaniola. Lá ele conheceu um dos chefes locais, Guacanagari, mantendo o contato pacífico e o recebimento de presentes. Durante sua permanência em Hispaniola, uma das embarcações naufragou, e Colombo recebeu permissão de Guacanagari de construir um forte chamado Navidad, deixando nele 39 homens.

Apesar de ter sido tratado de maneira amigável, Colombo sequestrou alguns nativos (homens, mulheres e crianças) para levarem-nos à presença dos reis espanhóis. Ele registrou em seu diário de viagem sobre os nativos poderem ser usados como servos e convertidos ao cristianismo.

Depois, Colombo esteve na ilha de Cuba, renomeou-a de Juana, mas esse nome não se popularizou. Retornou para a Espanha, desembarcando lá em meados de 1493, sendo recebido como um herói. Apesar de tudo que viu, Colombo não acreditou que tinha chegado a um continente desconhecido. Ele acreditou estar na Índia, e, por isso, nomeou os locais de “índios”.



COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA

Com a chegada dos espanhóis à América, negociações diplomáticas foram utilizadas para garantir-se a posse das terras. Após quase dois anos, portugueses e espanhóis chegaram a um acordo chamado de Tratado de Tordesilhas. Assinado em 1494, esse tratado determinou que uma linha imaginária a 370 léguas de Cabo Verde definiria o que seria terra da Espanha e o que seria terra de Portugal.

Na segunda viagem de Colombo, em 1493, os espanhóis enviaram para a América o total de 17 embarcações. Iniciava-se o esforço espanhol para realizar-se a colonização americana. Os dois primeiros assentamentos criados por Colombo (Navidad e Isabela) fracassaram, mas a colonização nas ilhas caribenhas vingou.

Logo os espanhóis iniciaram a exploração econômica do local e uma incessante procura por ouro. Os nativos foram os maiores prejudicados, pois, vítimas das doenças trazidas pelos europeus, escravizados e maltratados, foram mortos aos milhões em poucas décadas de presença espanhola.

Por Daniel Neves
Professor de História



O CONTINENTE AMERICANO ANTES DE COLOMBO - ALUSÕES E VISÕES SOBRE O BRASIL

Redação S&S

Vários estrangeiros, ao que se deduz, estiveram no continente europeu antes de Colombo. Comprovadamente, os primeiros europeus a chegarem à América - anteriores a Colombo - foram os vikings, que, oriundos da Groenlândia, sob o comando de Leif Eriksson, exploraram, no século X, a região da Terra Nova (Canadá), ali deixando marcas de sua presença (construções, ferramentas, utensílios etc.) conforme pesquisas arqueológicas recentes. Antigas sagas islandesas, por sua vez, fazem referência a terras (que hoje compõem o Canadá) como Helluland (atual ilha de Baffin), Markland (Labrador), Vinland (Nova Escócia).⁽¹⁾ O antropólogo franco-argentino Jacques de Mahieu afirma, por sua vez, em seus estudos, que os

vikings teriam chegado ao Brasil e ao Paraguai.

A existência de terras a oeste era mencionada na Europa durante a alta Idade Média. Em 1345, o frade italiano Galvaneus Flamma em sua obra "Cronica Universalis", escrita em latim, descreve a flora e a geografia de um território que se enquadra como a América do Norte. Os irmãos venezianos Antonio e Nicoló Zeno descreveram suas aventuras no Oceano Ártico, provavelmente Islândia e Groenlândia, em 1380, onde conheceram o príncipe Zichmni⁽²⁾. Há hipóteses, ademais, da presença de chineses - a esquadra do almirante Zheng He teria desembarcado na costa oeste da América por volta de 1421. Provavelmente, fenícios - os grandes mercadores e navegadores da

antiguidade – tenham chegado ao nosso continente, sendo polêmicas as inscrições da Pedra da Gávea e outras gravações ao longo do território nacional⁽³⁾.

Os europeus, ao chegarem à América, nos séculos XV e XVI, esta era já habitada por cerca de 40 a 50 milhões de ameríndios – incas, astecas, maias, apaches, tupis, navajos, inuítes, shawees, mapuches etc. – alguns destes formaram imponentes impérios como os astecas, maias, incas, que viriam a ser dizimados pelos conquistadores europeus. Os maias, desaparecidos antes da chegada dos conquistadores, tinham elevados conhecimentos de matemática e astronomia, linguagem escrita, calendário, impressionantes tecnologias nas áreas de hidráulica, arquitetura, agronomia. Decerto o primeiro povo a conhecer e usar o zero.

O Brasil é um território marcado, mesmo antes da chegada dos colonizadores portugueses, por sinais e fatos singulares. Há referências de longa data, a uma terra existente a oeste, no Oceano Atlântico, denominada Ilha de São Brandão (ou ilha de Hy Brazil, que na língua celta significa “terra abençoada”), que aparece em mapas cartográficos medievais (1351). Uma lenda irlandesa informa que São Brandão, monge irlandês, teria chegado a esta “ilha” por volta de 565 d.C.

A existência da “Terra Brasilis” era conhecida de há muito, na antiguidade, havendo hoje consolidados elementos a esse respeito. Navegantes espanhóis e portugueses, conforme documentos e pesquisas recentes, aqui estiveram antes de 1500, dentre eles Duarte Pacheco Pereira que esteve secretamente no Brasil em 1498 a serviço da Coroa Portuguesa, percorrendo o litoral norte (hoje o Pará) chegando até a atual Venezuela. Em janeiro de 1500, meses antes da passagem das caravelas de Cabral, o espanhol Vicente Pinzón, membro da esquadra de Colombo que chegou à América Central em 1492, atingiu a costa nordeste brasileira, subindo até a Flórida. Em fevereiro de 1500, outro espanhol Diego de Lepe igualmente passou pelo litoral brasileiro. O navegador português João Vaz Corte Real, segundo crônicas e documentos da época, esteve no Canadá (1473).

ALUSÕES E PROFECIAS SOBRE O BRASIL

Dentre as mais propaladas profecias sobre o Brasil, extraídas dos chamados “Sonhos de Dom Bosco”, merece ênfase especial o “sonho” ocorrido em 30 de agosto de 1883, no qual D. Bosco relata, de forma profusa: “Percebi que estava dormindo e parecia-me, ao mesmo tempo, correr a toda velocidade, a ponto de me sentir cansado de correr (...). Enquanto hesitava, se se tratava de um sonho ou realidade, pareceu-me entrar em um salão, onde se achavam muitas pessoas, falando de assuntos vários. Nesse ínterim, aproxima-se de mim um jovem de seus dezesseis anos, amável e de beleza sobre-humana, todo irradiante de luz mais clara do que a do sol”.

São João Bosco seria acompanhado, conforme seu relato, em sua fantástica viagem, por um jovem guia que se apresenta como “um amigo” “a serviço de Deus” e que ali estava a fim de “dar-lhe um pouco de trabalho” (esse jovem guia seria Luiz Colli, falecido ainda moço e amigo de D. Bosco). Realizam uma viagem pelos paralelos 15 a 20 (América do Sul), onde são antevistas e exibidas riquezas naturais incomensuráveis, como minerais, aquíferos, depósitos de petróleo, ainda a serem prospectados; ainda a projeção de eclosão de progresso e desenvolvimento da região do planalto central brasileiro, incrementado com a transferência da capital federal – construção de Brasília (Fonte: “Memórias Biográficas” de Dom Bosco – vol. XVI, pp. 385-394 // “Os sonhos de Dom Bosco” – Cecilia Romero).

O próprio Pe. José de Anchieta, o apóstolo das selvas, hoje santo, fez predições sobre o venturoso futuro de nosso País: “Quando os povos brasis observarem a doutrina de Cristo, instaurar-se-á, por séculos, neste mundo austral, a idade do ouro” (Obra “De Gestis Mendi de Saa”).

O futuro é incerto, inquietante. Guerras, catástrofes naturais, crises econômicas, lançam – e lançarão – povos em fuga em direção a países habitáveis. É o que preveem religiosos, sensitivos e ainda conceituados pensadores de nosso tempo, sendo o Brasil um dos destinos dessas migrações e mutações⁽⁴⁾.

NOTAS

(1) Pesquisas genéticas realizadas na Islândia em 2010, identificaram genes típicos de índios norte-americanos no DNA de centenas de islandeses, todos descendentes de uma única mulher. Provavelmente uma nativa sequestrada por vikings e levada para a Islândia, séculos antes de Colombo aportar na América Central.

A descoberta, nos últimos tempos, de inscrições de runas (linguagem escrita dos povos nórdicos, incluindo a famosa pedra encontrada em Kensington, Minnesota em 1898, datada de 1362) em várias partes dos Estados Unidos e datadas antes de Colombo, igualmente intriga os cientistas. Sinal de que a região fora visitada por exploradores cristãos vindos da Escandinávia ou ainda de cavaleiros templários. Ainda hoje há buscas por tesouros possivelmente deixados pelos templários em Oak Island, na Nova Escócia (Canadá) tema constante de vários documentários exibidos pela televisão e canais digitais. Ali foram encontradas relíquias cristãs (cruzes de chumbo) que, segundo testes de carbono, datam do século XII e foram confeccionadas na França, bem como estradas e calçamentos em pedra nos moldes medievais europeus.

(2) Uma versão moderna, divulgada por inúmeros autores, insere que Henrique I Sinclair (c. 1345-c.1412) nobre escocês e norueguês com os títulos de Conde de Orkney e Senhor de Roslin, participa de explorações na Groenlândia e América do Norte (1378), em anos anteriores a Colombo, sendo aventada inclusive a participação de cavaleiros templários nessa aventura.

Diversos escritores popularizaram essa afirmação, dentre eles Frederick J. Pohl, Andrew Sinclair (“Príncipe Henry Sinclair e sua expedição ao Novo Mundo em 1378” obra publicada em 1974), Michael Bradley (“Graal: Knights of North America: No trilho dos legados do Graal no Canadá e Estados Unidos” e “Santo Graal do outro lado do Atlântico; a história secreta da descoberta e exploração canadense” obras publicadas em 1998). William S. Crooker (“O tesouro – a procura da recompensa da costa leste” - (1998), Steven Sora (“A colônia perdida dos templários e a missão secreta de Verragano na América” – 2004), David Goudsward (“The westford knight and Henry Sinclair – Evidências de uma viagem escocesa no século XIV à América do Norte” – 2010).

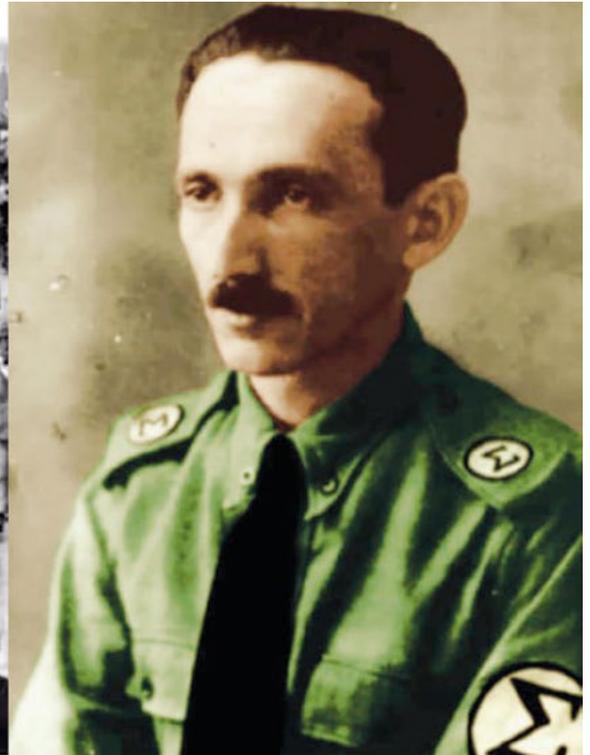
Segundo o escritor Johann Reinhold Forster em sua obra “História das viagens e descobertas feitas no Norte” publicada em 1786, o príncipe Zichmini, personagem mencionada pelos irmãos Antonio e Nicolo Zeno, seria Henry Sinclair.

(3) Alguns outros povos da antiguidade poderiam, segundo alguns estudiosos, chegar à América em tempos idos. Assim, polinésios que chegaram e ocuparam grandes extensões do Pacífico (Havaí, Páscoa, além da Nova Zelândia e Austrália). Um dos elementos que conecta polinésios e indígenas americanos é o cultivo da batata doce, nativa da América do Sul, e encontrada em ilhas do Pacífico, incluindo Havaí e Nova Zelândia, muito antes da chegada de europeus. Lembremo-nos de que fósseis e inscrições humanas, de até 40 000 anos, encontrados no Brasil são, segundo antropólogos, de origem polinésia. Pescadores japoneses que teriam se aventurado mar afora chegando provavelmente à América, em tempos idos. Escavações no Equador e na costa da Califórnia recolheram peças de cerâmica, datada entre 5 a 11.000 anos, em estilo da Idade da Pedra japonesa. Monges irlandeses como São Brendam (São Brandão) em suas épicas viagens evangelizadoras poderiam realmente ter chegado à América. Comerciantes ingleses ligados à Liga Hanseática, maior vendedora de bacalhau, teriam financiado longas expedições em busca do pescado, tendo segundo crônicas de 1475, chegando a uma terra distante e verdejante denominada Hy-Brazil. A literatura árabe refere-se a um famoso aventureiro Khoshthash que, por volta de 800 d.C., adentrara o Atlântico, atingindo a região do Caribe. Em 1535, o francês Jacques de Cartier, ao “descobrir” o rio São Lourenço, na Ilha da Terra Nova, encontrou cerca de mil barcos bascos, ali instalados, pescando bacalhau e segundo os pescadores há muitíssimas décadas, senão séculos...

Como se diz vulgarmente, muita história ainda a ser contada...

(4) Ultimamente, inúmeras mensagens e obras, muitas providas de sensitivos e grupos religiosos, sejam convencionais ou alternativos, abordam o grave processo de transformação social, política e ambiental em curso em nosso planeta, em si traumático, atribulador e redentor. Nesses comunicados, o Brasil é invariavelmente mencionada pelo seu importante papel fraternalista, pacificador e sua missão acolhedora em meio à dolorosa transição em que o planeta se vê – se acha - envolvido. Algumas dessas obras de cunho espiritualista: “Brasil, o lírio das Américas” José Maria Alencastro e “Transição Planetária” Divaldo Franco.

“A Pátria do Evangelho desempenhará o seu papel cristão no cenário do mundo conturbado da atualidade. Missionários do amor e da libertação da consciência encontram-se renascidos entre vós com a tarefa de devolver ao mundo a mensagem gloriosa do suave doce Rabi da Galiléia (...). Ao Brasil coube, por determinação do Mestre Incomparável, a tarefa de devolver ao mundo a Sua Mensagem de Misericórdia e de Libertação total” (“Transição Planetária” - Divaldo Franco/Manoel Philomeno de Miranda – Salvador/BA, Ed. Leal, 2016, pp. 226/228).



1932 - 2022

90 ANOS DO MANIFESTO INTEGRALISTA

No dia 07 de outubro de 1932, há precisos 90 anos, sob liderança do brilhante orador, escritor e jornalista Plínio Salgado (1895-1975)⁽¹⁾, era lançado o manifesto da Ação Integralista Brasileira-AIB, com a pregação de um Estado ético integral de unidade nacional e de uma revolução social, cívica e moral permanente contra a corrupção, o comunismo, alicerçada nas “incontáveis tradições autênticas da nossa terra de Santa Cruz”, enfoque na tríade “Deus, Pátria e Família”. Sob a proclamação de Plínio Salgado de que “Deus dirige o destino dos povos”, propunha o audacioso e astucioso movimento - denominado “Quarta Humanidade”, uma das obras de Plínio Salgado com soluções consistentes e salvacionistas, nitidamente autoritárias, para a crise do capitalismo, de forma a se conter o avanço do comunismo e de que a democracia liberal era incapaz de responder à altura tais problemas. Utilizava-se em seus escritos e textos de aproximações e paralelismos bíblicos, buscando transformar o movimento como messiânico, de predestinação divina - daí a utilização doutrinária concomitante dos livros “Quarta Humanidade” e Bíblia Sagrada⁽²⁾.

A Ação Integralista Brasileira-AIB era uma organização de extrema direita, de caráter personalíssimo (culto a um chefe nacional ou “pai da pátria”) e que pregava a centralização do poder nas mãos de um Estado dotado de plenos poderes. Um Estado forte, “integral” contrário à pluralidade de partidos políticos ou de contextos ideológicos divergentes. Imbuía-se, assim, o ideário integralista de um conteúdo salvacionista, extremista, de combate ao liberalismo, ao comunismo, sociedades secretas, ao capital especulativo e ainda ao judaísmo. Utilizava-se do nacionalismo ufanista como instrumento político e pilar central de seu discurso autoritário, incluindo a exaltação das virtudes cívico-militares, de valores cristãos manipulados (e sua vinculação a passagens bíblicas e a imagem de Cristo), a exploração de ícones ou figuras históricas como Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (visto como a transfiguração ou “reencarnação” de Plínio Salgado como novo Tiradentes, dando-se continuidade ao projeto da Inconfidência de liberdade e soberania nacional), a figura intercultural do caboclo, o sertão como lócus do homem e da cultura pátria, desligada/escoimada das influências estrangeiras.

Vários motivos justificaram a eclosão do movimento integralista, dentre eles a descrença com o liberalismo, a ascensão de regimes e movimentos nazifascistas na Europa, a insatisfação com as políticas refratárias advindas do regime golpista republicano (1889), a ameaça totalitária comunista. O Brasil seria/era, até meados do século XX, um país agrário com alto índice de analfabetismo ambiente (60% da população), vindo de um golpe de Estado canhestro (Proclamação da República) e de outro recente (Revolução de 1930), sendo, pois propício à eclosão de movimentos messiânicos ou salvacionistas, quais os de Canudos (1896-1897, liderado por Antonio Conselheiro – 20.000 mortos), Contestado (1912-1916, liderado pelo beato José Maria de Santo Agostinho – 8.000 mortos) e os Monges Barbudos (1935-1938 liderado por André Ferreira Braga⁽³⁾).

A estrutura doutrinário-operacional integralista era militarizada, hierarquizada, promovendo uma verdadeira lavagem cerebral em seus membros, que beirava a uma hipnose grupal⁽⁴⁾. Chegaram a tentar um golpe de Estado (ataque ao Palácio da Guanabara em março de 1938) no que ficou conhecido como a “Intentona Integralista”, sendo duramente reprimidos e vários deles sumariamente fuzilados.

Notáveis brasileiros seriam seduzidos, por sua vez, à cantilena integralista, dentre tantos Santiago Dantas, Luis da Câmara Cascudo, Alfredo Buzaid, Hélio Viana, o lutador Hélio Gracie, D. Helder Câmara, Vinicius de Moraes, Abdias do Nascimento e centenas de tantos outros.

Os integralistas, nos mesmos moldes nazista e fascista, adotavam um uniforme – camisas verdes – com uma insígnia no braço esquerdo inspirada na cruz suástica nazista - era a sigma, letra grega, vaidosamente ostentada, passando a ser conhecidos também como os “seguidores do credo verde”. Utilizavam-se os integralistas de toda forma de divulgação de suas ideias mediante passeatas ruidosas, uso de vistosos uniformes, além de caravanas, comícios, simpósios, congressos, no intuito de motivação e doutrinação popular. Calcula-se em um milhão de integrantes do Integralismo no Brasil, à época, segundo dados do prof. Jefferson Rodrigues Barbosa em seu livro “Chauvinismo e extrema direita: crítica aos herdeiros do

sigma” (São Paulo, Ed. Unesp, 2015)⁽⁵⁾.

O integralismo brasileiro pode ser considerado o maior movimento de expressão fascista latino-americano, alcançando, entre nós, uma significativa expansão em praticamente todos os Estados da Federação. Tornar-se-ia o primeiro movimento de massa no Brasil e a maior expressão fascista fora da Europa.⁽⁶⁾ Em Minas Gerais, esteve ativamente presente em inúmeras cidades, promovendo um discurso autoritário e conservadorista em uma sociedade vista então como insegura, incipiente, rudimentar. Movimento que se estenderia até a nossa região, gerando-se aqui, tal qual em todo o País, fervor e expectativas em muitos cidadãos, de inúmeras classes sociais.

O rumoroso movimento integralista teve seu fim decretado pelo caudilho Getúlio Vargas que, em dezembro de 1937, aboliu todas as instituições representativas do País, instalando a execrável ditadura do Estado Novo. O sair do espeto e cair na brasa!

NOTAS

(1) Plínio Salgado – escritor, jornalista, orador de renome. Nasceu em São Bento do Sapucaí (SP) em 1895.

Obras de sua autoria: “O estrangeiro” (1926-romance); “Literatura e Política” (1927); “Vida de Jesus”; “A quarta humanidade”; “O dono do mundo”; “O cavaleiro de Itararé”; “A voz do oeste”; “O esperado” (1931 – romance).

Como jornalista, percebeu que a imprensa era uma ferramenta poderosa para conquistar “mentes e corações”. Vinculou-se como intelectual ao movimento modernista (Semana de Arte Moderna – 1922) em sua vertente Verde-Amarelo.

(2) Toda uma construção ideológica, centralizada na figura de Plínio Salgado, explorava fatores próprios da sociedade brasileira ou de grande apelo popular como o patriarcalismo (ênfase na força-mestra da família), o imaginário cristão e católico messianismo (as figuras dos redentores messiânicos e salvadores da Pátria). Embasava-se a ideologia num nacionalismo étnico centrado na figura do caboclo – representante da miscigenação de nosso povo, raças branca, negra e ameríndia, - numa retórica espiritualista-cristã de oposição ao materialismo e comunismo. Buscava o Integralismo expor-se e impor-se, pois, como “de origem divina” e de um movimento salvífico, sacralizado, como se pode deduzir da seguinte história extraída do jornal “Anauê”, janeiro 1936, ano II, n. 6, p. 10:

“Um caipira estava lendo a “Quarta Humanidade”. Aproxima-se dele um bacharelzinho pedante e começa a zombar do pobre homem.

- Então, que livro é esse?

- É a Quarta Humanidade

- Mas você não entende isso. É muito difícil para você.

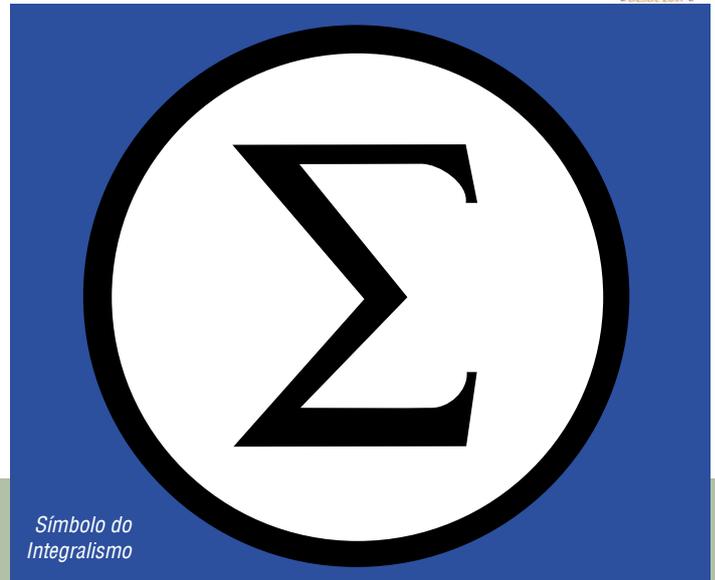
E o caipira, que por várias vezes, já tinha sido escarnecido pelo bacharel, perde, dessa vez, a paciência e sai com essa:

- Seu dotô, isso aqui é o livro do Chefe Nacional, e o livro do Chefe Nacional é como o Evangelho de Nosso Sinhô. Quando a gente não entende, a gente acredita, ouviu?!”

(3) O Brasil, após o burlesco golpe republicano de 1889, viveria momentos de instabilidade político-social ante a predominância de elites econômicas no Poder, representadas pelo coronelismo e barões do café. As eleições eram um jogo de cartas marcadas, feitas a “bico de pena” (eleitores tinham que escrever o nome do candidato ou então a rogo, ou seja, votação feita pelo próprio mesário, gerando toda sorte de irregularidades e fraudes).

A insatisfação provocaria revoltas, especialmente entre grupos de militares, como as dos 18 do Forte (1922), Tenentismo (1922/1924), Coluna Prestes (1924-1927), culminando com a chamada Revolução de 1930 (também um golpe político-militar), a Revolução Constitucionalista (1932) e daí ao reinado ditatorial getulista (1930-1945). Parte desses movimentos preconizava a realização de eleições amplas e livres, a escolarização popular, o fim do coronelismo, a expansão do progresso e de melhores condições de vida para a população. Por esse tempo, ocorriam graves convulsões mundiais como a eclosão e expansão do comunismo (Rússia) provocando pavor entre empresários, Igreja e opinião pública ocidental ante os pavorosos crimes perpetrados pelo perverso regime. E, em contrapartida, os regimes de extrema direita como o nazismo (Alemanha), fascismo (Itália) e extensivamente o franquismo (Espanha) e o salazarismo (Portugal), chegando-se ao Brasil com o nosso integralismo “curupira”.

(4) Os profíctos e filiados integralistas eram obrigados a obedecer regras e rituais próprios; assim, no ato da filiação, eram colocados frente a um retrato do líder máximo Plínio Salgado, proferindo juramento de estrita lealdade ao movimento e a seus chefes; eram proibidos de consumir álcool, dançar, jogos de azar e acaso detidos, por infração comum, deveriam retirar antes a camisa verde – porém, se a prisão fosse por motivo político,



deveriam exibi-la ostensivamente. A indumentária era singular: camisa verde em tecidos de brim ou algodão (matéria prima nacional), calças brancas ou pretas, gravatas pretas e lisas, um gorro verde de duas pontas e uma fivela dourada complementavam a peculiar paramentação. As mulheres, chamadas de “blusas verdes” usavam camisas verdes e saias pretas ou brancas. A função destas era domiciliar (afazeres da casa) e estratégica (gerar futuros adeptos, os “plinianos”, educando-os na doutrina integralista; eram as mulheres estimuladas ainda a atuação em áreas como puericultura e aprendizagem de datilografia, estenografia etc.).

Tinham os integralistas seus rituais litúrgicos próprios – batizado, casamento, funeral. Toda residência ou sede do movimento deveria ser decorada com foto do fundador Plínio Salgado, ao lado de um cartaz (banner) com os dizeres: “O integralista é o soldado de Deus e da Pátria – homem novo do Brasil que vai construir uma grande nação” e ainda um relógio de parede com a frase “Nossa hora chegará!” Utensílios pessoais e de cozinha eram também decorados com o sigma. Os integralistas não cantavam a 2ª parte do Hino Nacional por discordar do trecho da letra “Deitado eternamente em berço esplêndido”.

O Brasil de então com aproximadamente 2/3 de sua população analfabeta, era um campo propício a mensagens impactantes explorando o imaginário messiânico e a correlação imagético-pictográfica entre a tríade Cristo, Tiradentes e Plínio, este como “o escolhido”, a personalidade que unia o guia/pai/líder para conduzir o povo e a nação pátria. Daí a representação sebastianista, messiânica de Plínio como chefe nacional ungido, o grande esperado, que seria alimentada pela maciça propaganda integralista via rádio e jornais de todo o País.

(5) Segundo o Prof. Odilon Caldeira Neto (UFJF) autor de aprofundadas pesquisas sobre a política brasileira atual, em especial as obras “Sob o signo do sigma: integralismo, neointegralismo e antissemismo” (2004) e “O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo” (2020), temos hoje alguns grupos neointegralistas atuantes – com forte atividade virtual – dentre estes a Ação Integralista Revolucionária-AIR, a Frente Integralista Brasileira-FIB, o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro-MIL-B, de ferrenha conotação antissemite. Partidos da direita acham-se também contaminados pelo discurso extremista como o Partido de Reedificação da Ordem Nacional-PRONA, de Enéas Carneiro, o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro-PRTB, de Levy Fidelix. Nos últimos tempos, grupos neointegralistas lançaram coquetéis molotov na sede da produtora “Porta dos Fundos” (2019) e invadiram e depredaram instalações da UNIRIO (2018).

Alguns neointegralistas assumidos fazem parte do atual governo (em especial, segundo a mídia, em ministérios como o da Mulher). Governo, aliás, que “tomou emprestado” alguns slogans caracterizados/vinculados ao integralismo como “Deus, Pátria e Família”, a linha conservadorista da teoria da conspiração, do anticomunismo etc.

(6) O integralismo é o maior movimento de ideias que se tem feito no País depois da Independência e da Abolição; é uma mobilização de espíritos para a conquista de um grande ideal. Entretanto, é um movimento de dedicação, de renúncia, de sacrifício e obediência aos chefes do movimento. O integralista é o soldado de Deus, da Pátria e da Família; é o novo homem do Brasil que estará construindo uma grande nação. É necessário, pois, que o integralista seja diferente dos outros homens tanto pela sua abnegação como pelo seu comportamento na sociedade” (Depoimentos – Fonte APM/Fundo DOPS, pasta n. 4675, rolo 068, imagem 393).

O INTEGRALISMO EM NOSSO MEIO

O núcleo integralista em nossa região, pelo que se pode pesquisar até o momento, englobava grupamentos em cidades como São João Del-Rei, Resende Costa, Barbacena, dentre algumas; inúmeras personalidades locais foram envolvidas e contaminadas pela doutrina integralista, dentre elas o então vereador sanjoanense Tancredo de Almeida Neves⁽¹⁾.

De acordo com o jornal oficial integralista “Anauê” (janeiro 1936), o movimento achava-se presente já em 180 cidades do Estado, principalmente as de médio e grande porte ou seja aquelas com maior grau de urbanização. Em consulta ao APM/Fundo DOPS, pasta 4667, rolo 068, imagem 114, período setembro 1935/novembro 1942, delegacia de Itajubá, registra-se material diverso recolhido pelas autoridades policiais – documentos, depoimentos etc. – sobre a atuação de integralistas em várias cidades de nossa região incluindo Barbacena, Bom Sucesso, São João Del-Rei.

BARBACENA - Segundo o jornal “Cidade de Barbacena” (ed. de 28-03-1936, p. 2), o núcleo integralista de Barbacena – 6ª região integralista – era responsável por coordenar as atividades políticas, finanças e de transmitir as diretrizes advindas das chefias estadual e federal. O núcleo compunha-se, então, das cidades de Alto Rio Doce, Carandaí, Lagoa Dourada, Prados, Rio Espera, Santos Dumont, São João Del-Rei, Tiradentes.

O movimento integralista – e extensivamente o ideário neofascista – em Barbacena foi coordenado pelo casal Inês e Aroldo Piacesi, imigrantes e intelectuais italianos, entre 1924-1945. Dentre as estratégias de recepção, difusão e circulação das ideias integralistas e mesmo nazistas, utilizaram-se da publicação de escritos nos jornais locais, a utilização do cinema da família. Os integralistas da região eram pessoas cooptadas, na prática, pela poderosa máquina de propaganda fascista italiana que inundava os meios sociais e culturais de material de radiodifusão, filmes, escritos em geral. Outra das principais lideranças integralistas locais era o advogado e empresário Humberto Caetano.

Dentre os principais jornais ligados ao movimento mencionam-se “Rubicon” (Barbacena), “Brasil Novo” (São João Del-Rei); “A Razão” (Pouso Alegre); “O Sigma” (Juiz de Fora); “Aço Verde” (Santa Rita do Sapucaí); “A Voz da Raça” (Passa Quatro); “O Integralista” (Caratinga). Segundo o pesquisador Rodrigo Santos de Oliveira “no período de existência legal da AIB foram editados 138 jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo dois de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear” (“História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira 1932-1937” São Paulo, Ed. LiberArns, 2019, pp. 123-124).

O MOVIMENTO INTEGRALISTA EM SÃO JOÃO DEL-REI - Em São João Del-Rei, um dos núcleos integralistas mais importantes e consolidados do Estado, um de seus principais líderes era o prof. Serafim Lacerda, docente do Colégio Padre Machado⁽²⁾. O jornal “Anauê” (ano 1, n. 7, fevereiro/1936) em sua matéria “Resumo histórico do movimento integralista em São João Del-Rei” relacionava alguns membros do integralismo na cidade: Marcello Santiago Costa, José Bráulio de Carvalho, José Affonso de Oliveira, Moacyr Torga, Guilherme Guedes, Carlos Faleiro, Antonio Machado. Outros nomes componentes do núcleo local sanjoanense como Murillo Ferreira, José de Alencar Velloso, Félix Henrique de Almeida, Gastão de Almeida Neves, José Santiago Costa, José Rios de Queiroz, José Christófar, Sebastião Alves do Banho (chefe local) são, por sua vez, citados em matéria do jornal “A Tribuna” (ano XXI, n. 1262, fevereiro 1935). Informava ainda o citado periódico que o movimento integralista em São João Del-Rei, cujas sementes tinham sido lançadas em 1934, realizava suas reuniões no salão nobre do Minas F.C, cujas instalações tinham sido liberadas à AIB. O núcleo municipal de São João Del-Rei seria instalado definitivamente em 27-01-1935 em sessão solene no Teatro Municipal, com extensa divulgação pela imprensa. O jornal “A Razão” (Pouso Alegre) noticiava, por sua vez, ed. 25-06-1936, ano I, n. 11, p. 2, que nas eleições daquele ano foram eleitos vários candidatos integralistas na região sendo “em São João Del-Rei um



Plínio Salgado

vereador e um juiz de paz” (pesquisas/informações do historiador Vinicius Mata Oliveira, a quem, uma vez mais, somos reconhecidos). Ainda outros membros integralistas eram os Simões Coelho, prof. Domingos Horta. Um dos mais entusiásticos membros do movimento local, segundo a oralidade, era o cidadão por alcunha “Três Orelhas”, famoso estivador, dotado de descomunal força física, que conduzia em seu caminhão, as caravanas integralistas pelas cidades da região.

O núcleo integralista de São João Del-Rei editaria, por sua vez, em 09-07-1935, o periódico “Brasil Novo” de circulação quinzenal, dentro da estratégia de divulgação das ideias do movimento no âmbito regional. Implantaram, igualmente, uma escola “Bárbara Heliadora”⁽³⁾ com intensa atuação doutrinária junto às crianças e adolescentes e ainda a cooptação de professores inicialmente dos Colégios “Padre Machado”, “Santo Antonio” e unidades educacionais estaduais locais. Dedicavam-se ainda a ações de assistência social, através de secretaria própria, com distribuição de medicamentos, atendimentos ambulatoriais e domiciliares feitos por enfermeiras, ao lado de propaganda maciça através de caravanas, comícios, desfiles em localidades próximas como Nazareno, Resende Costa, Madre de Deus, Cel. Xavier Chaves etc.). Outro forte contingente de adeptos do integralismo em São João Del-Rei estava entre os funcionários da Rede Mineira de Viação, bem como a filiação de advogados, médicos, professores, dentistas e militares do 11º RI.

Um congresso universitário integralista que se realizaria em São João Del-Rei em fevereiro de 1936 com a presença de altos próceres do movimento – Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso – foi sustado pela polícia, conforme matérias do Jornal “Estado de Minas” ed. 11-02-1936 e 12-02-1936, p. 10.

O movimento dos “camisas verdes” atrairia um considerável e entusiástico número de pensadores, não só na classe média, intelectuais, políticos e mesmo no clero⁽⁴⁾. Serviriam, por outro lado, de escárnio por considerável parte da população – estigmatizados como “galinhas verdes” – e mesmo por estudiosos, no que foi denominada a “ideologia curupira” (classificação feita pelo sociólogo Gilberto Vasconcellos).

NUCLEO INTEGRALISTA DE RESENDE COSTA – a cidade de Resende Costa contaria, igualmente, com sólida base integralista, englobando grandes lideranças comunitárias. Segundo o memorialista resende-costense, Alair Coêlho de Resende, de saudosa memória, o diretório municipal era liderado pelo farmacêutico José do Carmo Barbosa, proprietário da Farmácia Ouro Preto, instalada na Rua Gonçalves Pinto. Andavam vestidos com camisas verdes e se cumprimentavam ruidosamente assustando a criançada, erguendo o braço direito distendido com a palma da mão espalmada, voltada para baixo, aos gritos de “anauê”. Seus adversários os ironizavam, dizendo jocosamente “anauê, tira a calça pra correr”, imitando seu gesto de cumprimento e identificação (Extraído da obra “Resende Costa, a flor das Vertentes” coautoria Stella Vale Lara, ALSJDR, 2019, p. 43).

Prossegue ainda o ínclito escritor: “De seus membros mais ativos nos lembramos de Miguel Alderico Romá – o mais ardoroso certamente – Sebastião Nagib, Alberico Augusto dos Reis (Bíblico), Joaquim Pinto Lara – nosso grande amigo Sô Quinzinho – José Maria da Conceição Chaves (Juca do Sô Ozório), Antonio Machado da comunidade dos Pintos – Joaquim Machadinho, dono da fazenda da Cachoeirinha e o alfaiate Chico da Florença, o único afro-brasileiro que pertencia à AIB em Resende Costa. Diziam que até o padre Heitor de Assis era simpaticamente do movimento. Todos sob a incontestável liderança do Sô Barbosa farmacêutico.” (Op cit, p. 43).

Acompanhemos um pouco mais a narrativa de Dr. Alair Coelho quanto à sua visão e percepção de criança sobre os barulhentos integralistas na bucólica Resende Costa da década de 1930: “Nosso primeiro contacto com os integralistas se deu em um domingo após a missa das dez horas na igreja matriz. Terminada a cerimônia, nós saímos da igreja em companhia de nosso pai e, no adro, à esquerda, sobre o muro que circundava a igreja – ainda não havia a balaustrada que um padre construiu ali, descaracterizando a obra setecentista – estavam todos em fila indiana. À saída dos fiéis, do templo, os integralistas estenderam a mão direita e gritaram em uníssono: ANAUÊ! Em seguida, numa atitude bem militar e agressiva, desceram do adro, a um só tempo, como que obedecendo a uma voz de comando e se puseram a distribuir folhetos de propaganda da candidatura à presidência da República do chefe Plínio Salgado. Evidentemente, ficamos apavorados quando vimos aquela ação barulhenta e destemida deles, porque supusemos, em nosso infantil entendimento, que eles eram mesmo muito perigosos. E a partir daí, sempre que víamos um Galinha Verde, como eram apelidados os integralistas, fugíamos em disparada, porque em nossa imaginação, quem vivia aos brados, gritando Anauê, não podia mesmo ser inofensivo” (ib. p. 43)⁽⁵⁾.

SÃO TIAGO – Poucos dados disponíveis sobre a presença ou ação do integralismo em nossa localidade. A inexistência de jornais ou de memorialistas em nosso meio à época inibem maiores informações acerca deste e de tantos outros temas de ordem histórica local. Sabe-se, pela oralidade, que pessoas da comunidade como membros das famílias Machado Silveira e Lara eram simpáticos ao movimento, não se podendo, contudo, comprovar a informação.



Grupo de Jovens Integralistas

NOTAS

(1) Um dos maiores simpatizantes do integralismo em São João Del-Rei seria o então advogado e vereador Tancredo de Almeida Neves, conforme artigos de sua lavra publicados em jornais da época (década de 1930) como “A Tribuna”, “Brasil Novo” e ainda “O Porvir” este editado pelo Colégio Santo Antonio onde Tancredo estudara. O nome do futuro presidente da República aparece na relação de integralistas elaborada pela Polícia da época sob o n. 161 – Pasta 4965, imagem 127 – APM/Fundo DOPS.

(2) Segundo os pesquisadores Everton Fernando Pimenta e Leandro Pereira Gonçalves “os núcleos da AIB de São João Del-Rei destacavam-se por seu perfil socioeconômico heterogêneo em sua maioria urbano, cuja pluralidade de motivações para a adesão dos militantes lhes conferiu uma diversificada base de apoio que inclusive contou com importantes personalidades locais” (“Os camisas verdes em Minas Gerais: o integralismo em São João Del-Rei e o caso de Tancredo Neves” p. 3 – Fonte Revista Estudos Iberoamericanos – PUCRS – vol. 47, n. 3, pp. 1-15, set/dezembro 2021).

(3) Os integralistas desenvolveriam um maciço projeto político-pedagógico, implantando inúmeras escolas em Minas Gerais no período 1932-1937 (em São João Del-Rei o Colégio “Barbara Heliodora”). Atentos ao vazio, ausência e omissão contumaz do Estado quanto ao processo educacional nacional, implantaram inúmeras iniciativas educacionais, ao lado de ações sociais, dentre elas alfabetização, escola primária, profissionalização. Uma forma de “fazer o novo homem, educando-o”, tendo como referenciais estruturados no nacionalismo, autoritarismo, engajamento cívico, personalismo.

(4) Parte da Igreja, através de alguns de seus próceres, era simpática ao integralismo. Conhecidos como os “batinas verdes”. Na região de São João Del-Rei o pe. Heitor de Assis, Mons. José Maria Fernandes, curiosamente ambos ligados à paróquia de Resende Costa. O jornal “O Lutador” fundado por Pe. Julio Maria de Lombaerde na cidade de Manhumirim, região de Caparaó e rio Doce, aos 25-11-1928, cuja tônica era o combate agressivo e em todas as frentes contra o protestantismo, espiritismo, maçonaria, comunismo etc. E ainda o jornal “O Horizonte” da diocese de Belo Horizonte, a partir de 1923, o qual segundo o historiador João Camilo O. Torres “nos últimos números já saíam referências mais ou menos simpáticas ao integralismo” (“A Igreja de Deus em Belo Horizonte”, 1972, p. 135). O jornal “O Horizonte” contava dentre seus articulistas a fina flor do laicato mineiro – como Pe. Álvaro Negromonte, Olinto Orsini, Mário de Lima, Cristóvão Santos. Grandes pensadores católicos da época como Tristão de Ataíde, Pe. Huberto Rohden eram simpáticos ao citado movimento.

“Dentre tantos outros exemplos possíveis destes casos de adesão de membros do clero à AIB, três foram encontrados em São João Del-Rei-MG, onde um padre, Heitor Assis, um monsenhor Sylvestre Castro e também de um frei, Flaviano, atuaram como membros do integralismo (APM/Fundo Dops – pasta 4965, imagens 113, 125 e 127) e outro em Resende Costa-MG onde o monsenhor José Maria Fernandes foi um defensor da AIB (APM/Fundo Dops – pasta 4965, imagens 159 e 168)” (Gabriela de Lima Grecco/Odilon Caldeira Neto – “Autoritarismo em foco: política, cultura e controle social” mód. 151).

(5) Anauê – vocábulo de origem tupi de conteúdo afetivo correspondente a “você é meu amigo”.

MONTEZUMA E OS SACERDOTES

O Império asteca, um dos mais poderosos da América pré colombiana, incorporara a arquitetura, a matemática, a escrita em seu dia a dia. Estendia-se do México a praticamente toda a América Central. Sua capital Tenochtitlan (hoje cidade do México), tinha uma população de mais de 400 mil habitantes, maiores do que as metrópoles europeias de então. As tradições astecas falavam na chegada de um deus branco vindo do mar. O Imperador Motecizoma Xocoyotzin, mais conhecido como Montezuma, ouvindo rumores sobre homens de pele branca, fortemente armados, que desciam da costa leste, convocou uma assembleia de sacerdotes, sábios e líderes tribais. Saídos de suas aldeias, das mais diversas partes, atravessando vales, vulcões, grutas, acorreram ao chamado do rei. Este queria saber sobre o futuro, o que previam os astros e os sonhos, pois de, há muito, corriam rumores de que grandes mudanças, ruínas, incêndios, sangue e sofrimento se abateriam sobre o Império Atzlan, até então envolvidos em guerras, festas, matanças, a bel prazer dos governantes. Reunidos, os sábios

informaram, ou melhor, confirmaram ao Imperador que o Império estava ameaçado. Que os homens, vindos do mar, fortemente armados, eram seres cruéis, bárbaros, ambiciosos, escravizadores, cúpidos, bestiais, desprovidos de qualquer escrúpulo ou do mínimo de dignidade.

Montezuma, como sói ocorrer aos tiranos e obcecados pelas glórias humanas, indignou-se com a informação e a perspectiva de perder o poder, de que o seu trono estava por um fio. Num ato insano, tomado pelo medo, mágoa, mandou matar a todos, perdendo-se assim a nata dos sábios e conselheiros do Império. Um golpe para todo o povo e o Império. Eram, afinal, os sacerdotes, mensageiros entre os planos terreno e celestial, canais das bênçãos, cuidados, canções, medicações, orações.

A chegada dos ignóbeis espanhóis, sob o comando de Hernan Cortez, Montezuma recebeu-os com tesouros, banquetes, mulheres. Inutilmente. O Imperador acabaria impiedosamente morto, daí escravizado o povo, os templos destruídos, todo o império pilhado e extinto.

JANELAS E PORTAS TEM OUVIDOS...

Mem de Sá, nomeado 3º Governador Geral do Brasil pela Coroa Portuguesa, exerceu as funções entre os anos de 1558 a 1572. Era ele natural de Lisboa, de família fidalga, onde nasceu provavelmente em 1498. Formado em Direito, desembargador, administrador colonial, irmão do famoso poeta Francisco Sá de Miranda. Faleceu em Salvador, Bahia, em 1572.

Sob a sua gestão, os franceses huguenotes foram expulsos da Baía da Guanabara. São atribuídos, porém, à sua administração, grandes massacres de tribos indígenas, em especial no litoral capixaba e nordestino, ainda que a história oficial registre os fatos como “pacificação”.

Os principais argumentos ou pretextos para o extermínio dos nativos, assim determinados por Mem de Sá, foram provocados pela morte de D. Pero Fernandes Sardinha (1495-1556), 1º Bispo de Salvador, e mais 90 portugueses, que, segundo relatos controversos, teriam sido devorados, em ritual de antropofagia, por índios caetés nas costas de Alagoas. A nau Nossa Senhora da Ajuda em que viajavam para Portugal naufragou próxima à foz do Rio Coruripe,

tendo os sobreviventes, ao chegarem em terra, sido aprisionados e devorados pelos índios. Segundo historiadores, cerca de 100 000 indígenas foram massacrados impiedosamente, por força da repressão colonial.

Conta-se que Mem de Sá, que tinha lá também pendores literários, gostava de caminhar disfarçada e anonimamente pelas ruas, apreciando a natureza noturna ou até mesmo conversando com moradores notívagos.

Numa de suas costumeiras andanças, ao passar próximo à janela de uma residência, percebeu grande alvoroço e conversas acaloradas em alta voz. Rua escura, deserta. Reduziu os passos, tendo oportunidade de ouvir, alto e bom som, que falavam mal – e muito mal – do Governador Geral. Um crime para os padrões jurídicos da época.

Não teve dúvidas. Bateu fortemente à janela. Com a estridência das pancadas, os moradores silenciaram, acorrendo para verem o que se tratava. O Governador afastando-se rapidamente, que estava de bom astral no momento, gritou-lhes:

- Cuidado com o que falam. Janelas também tem ouvidos.

UM LADRÃO GENIAL

Dentre os Salmos Penitenciais, um dos mais eloquentes é, sem dúvida, o Salmo 50, também chamado de Miserere. “Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam et secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam” (Tende piedade de mim, Senhor, segundo a vossa bondade. E, conforme a imensidão de vossa misericórdia, apagai a minha iniquidade” (Sl 50, 3).

Ocorreria no século XVII um interessante fato envolvendo esse salmo, que seria incluído, com o passar do tempo, na liturgia da Igreja. O Papa Urbano VIII (1568-1644) encomendara a Gregório Allegri (1582-1652) sacerdote e músico sacro, uma melodia que acompanhasse as cerimônias da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, celebradas no Vaticano, na 5ª e 6ª feiras santas.

Allegri, que era aluno de Giovanni Maria Nanini, (1543-1607) amigo pessoal do célebre compositor Palestrina (1525-1594) e membro do Coro da Capela Papal, compôs uma partitura em falso bordone para dois coros; um de quatro vozes que canta uma versão mais simples do tema original e outro, de cinco vozes, que, situado a certa distância do primeiro, responde com uma versão mais eloquente do mesmo tema.

A cerimônia litúrgica realizada na Capela Sistina era pomposa, à luz de velas, que iam sendo apagadas no decorrer do ato e do canto. ao final, restavam apenas treze velas, representando Jesus e os doze apóstolos e ao serem apagadas, o recinto ficava na mais profunda obscuridade. Tal o efeito da compunção produzidas nas almas pelo ato litúrgico que o Papa proibira a transcrição da partitura Miserere e sua execução fora do Vaticano, sob pena de excomunhão. Para surpresa geral, a melodia, todavia, passou a circular pela Europa, em especial nos países anglo-saxônicos.

Como fora roubada a partitura? O mistério, porém, não tardou a ser desvendado. Por volta de 1770, Wolfgang Amadeus Mozart, (1756-1791) então com treze anos e seu pai Leopold visitavam a Itália, aperfeiçoando seus conhecimentos musicais com os mestres da época. Participaram eles da cerimônia litúrgica da 5ª feira Santa na Capela Sistina. Ao regressarem à hospedagem à noite, o pequeno Mozart transcreveu completamente os doze minutos da música polifônica. Dia seguinte, 6ª Feira Santa, o menino prodígio voltou a ouvir o célebre cântico Miserere, reprisado na Liturgia do dia, e aproveitou o ensejo para conferir sua partitura, à qual fez pequeninas correções.

O pai, radioso, escreveu à esposa, que se encontrava em Salzburgo: “Ouviste falar do famoso Miserere em Roma, tão apreciado que até os intérpretes estão proibidos, sob pena de excomunhão, de levar ainda que seja uma parte dele, copiá-lo ou dá-lo a alguém. Nós, porém, já o temos! Wolfgang o transcreveu”.

A notícia rapidamente se espalhou, chegando aos ouvidos do Papa de então, Clemente XIV (1705-1774) que, fazendo jus ao nome, perdoou plenamente o jovem e brilhante transgressor. No mais, impressionado com os dons que a Divina Providência conferira ao jovem músico, nomeou-o Cavaleiro da Ordem de Cavalaria Pontifícia da Espora de Ouro, condecoração concedida a quem tivesse prestado relevantes serviços à propagação da fé católica ou concorrido para a glória da Igreja.

Mozart, com o seu “delito” e indubitável talento, ao dar publicidade à famosa melodia, em muito contribuiria para afervorar os fiéis em toda a Europa, glorificar a igreja e exaltar a misericórdia divina no perdão às iniquidades de seus filhos.

Tontura nem sempre é culpa da labirintite: saiba quais podem ser as outras causas

Evelin Azevedo

Engana-se quem acredita que toda tontura é consequência de uma labirintite. Lesões no labirinto (estrutura localizada dentro do ouvido) são apenas algumas das causas que levam pessoas a se sentirem tontas. No entanto, doenças neurológicas também podem provocar a sensação de desequilíbrio.

A causa mais comum é a vertigem posicional paroxística benigna (VPPB), caracterizada pelo deslocamento de cristais de cálcio dentro do labirinto, o que causa a sensação de tontura.

O labirinto é uma estrutura responsável pelo equilíbrio do corpo. Nós temos um em cada ouvido. Quando há algum problema em um dos dois, o corpo bloqueia a ação do lado afetado, que deixa de passar informações sobre o movimento. É esta falta de informação que provoca a sensação de vertigem (de que tudo em volta está girando) — explica o terapeuta vestibular André Luis dos Santos.

A tontura pode ser classificada de duas maneiras: as rotatórias (nas quais o paciente sente que tudo parece rodar) e a não-rotatória (na qual a pessoa se sente desestabilizada, mas não vê nada girar). A sensação de estar tonto pode ser um indicativo de que há algo de errado no organismo e por isso é importante procurar orientação médica.

Quando uma pessoa sente tontura por estar em jejum há muitas horas, por exemplo, não há porque se preocupar, basta comer. Mas quando os episódios de tontura acontecem com frequência fora desta situação, é preciso procurar por um otorrino para investigar as causas — orienta Wallace Nascimento, otorrinolaringologista no Hospital Adventista Silvestre.

Além da tontura, o paciente pode sentir sintomas como enjoo, desequilíbrio, mal estar, dor de cabeça, sensação de pressão nos ouvidos e movimentos involuntários dos olhos.

O tratamento para a tontura vai depender da causa. Quando a falta de equilíbrio é provocada por uma lesão no labirinto, é recomendado o uso de remédios que eliminem os sintomas e sessões de fisioterapia vestibular para combater de vez o que provoca a sensação de tontura.

POSSÍVEIS CAUSAS

Labirintite

Inflamações no labirinto podem ocasionar a sensação de desequilíbrio por afetar a transmissão de informações sobre os movimentos realizados.

Vertigem (VPPB)

O deslocamento de cristais de cálcio dentro do labirinto quando a cabeça se movimenta causa a sensação de ver tudo girar.

Doenças neurológicas

Parkinson, AVC, tumor cerebral ou Alzheimer podem causar a sensação de tontura, principalmente entre os idosos.

Queda de pressão

A mudança brusca de pressão provoca alterações em todo o corpo e afeta a função do labirinto.

Problemas cardíacos e de circulação

Arritmias cardíacas ou insuficiência do coração, assim como problemas circulatórios dificultam o fluxo de sangue e prejudicam o labirinto.



Rios em todo mundo secam em risco para comércio, safras, energia

Perder vias navegáveis significa um sério risco para rotas comerciais, agricultura, fornecimento de energia e até mesmo água potável

Por Brian K. Sullivan, Bloomberg

Rios em todo o mundo estão desaparecendo. Dos Estados Unidos à Itália e à China, os volumes fluviais têm encolhido, muitas vezes deixando para trás nada além de leitos estéreis de lodo. Canais se esvaziam. Reservatórios viraram pó.

O mundo está em vias de acelerar as mudanças climáticas, e isso tem um profundo impacto econômico. Perder vias navegáveis significa um sério risco para rotas comerciais, agricultura, fornecimento de energia — e até mesmo água potável.

Rios que foram críticos para o comércio durante séculos estão agora murchos, ameaçando o transporte global de produtos químicos, combustíveis, alimentos e outras commodities.

O Reno — um pilar das economias alemã, holandesa e suíça — ficou muitas vezes praticamente intransitável nas últimas semanas. O Danúbio, que serpenteia por 2.900 quilômetros através da Europa Central até o Mar Negro, também está comprometido. O comércio nos rios e canais da Europa contribui com cerca de US\$ 80 bilhões para a economia da região apenas como forma de transporte.

Na China, um verão extremo afetou o rio mais longo da Ásia, o Yangtzé. Níveis de água baixos prejudicaram a geração em muitas usinas hidrelétricas importantes. Megacidades, incluindo Xangai, estão desligando as luzes para reduzir o uso de energia e a Tesla alertou sobre interrupções na cadeia de suprimentos de sua fábrica local. A Toyota e a Contemporary Ampere Technology, maior fabricante mundial de baterias para veículos elétricos, fecharam fábricas.

A seca que assola o Rio Colorado — uma fonte de água para 40 milhões de pessoas entre Denver e Los Angeles — ficou tão extrema que uma segunda rodada de cortes drásticos de água está atingindo o Arizona, Nevada e México. O rio e seus afluentes irrigam cerca de 4,5 milhões de acres de terra, gerando cerca de US\$ 1,4 trilhão por ano em benefícios agrícolas e econômicos.

O recuo de águas no sudoeste dos EUA está expondo cadáveres e pegadas de dinossauros que ficaram submersos por talvez milhões

de anos.

As razões pelas quais os rios vêm secando em todo o mundo são complexas. Há o impacto da La Niña, secas prolongadas em muitas regiões e também simples azar. Mas o maior impulsionador é a mudança climática.

“É uma combinação de muitos fatores que levam a esse evento particularmente extremo”, disse Daniel Swain, climatologista da Universidade da Califórnia em Los Angeles. “Mas há claramente um papel das mudanças climáticas, que tornaram mais prováveis várias ondas de calor sem precedentes”.

O aumento das temperaturas da Terra levam cordilheiras a receberem menos neve, deixando menos água fluir para córregos no verão durante o degelo, disse Isla Simpson, cientista do Centro Nacional de Pesquisa Atmosférica em Boulder, Colorado.

A neve da montanha é o reservatório da natureza. Quando as nevascas diminuem, a fonte de muitos rios — dos EUA à China, da Europa ao Oriente Médio — desaparece, disse Swain, da UCLA.

“A perda de neve e geleiras nos Alpes também foi extraordinária neste verão, chocando até climatologistas e glaciologistas experientes”, disse Swain.

E tem a La Niña, um resfriamento do Oceano Pacífico equatorial que perturba os padrões climáticos globais, trazendo fortes chuvas para algumas áreas e seca para outras. O mundo está em sua segunda La Niña consecutiva, e as chances estão aumentando de que em 2023 virá outra.

“A La Niña forte e contínua conecta as secas e os baixos fluxos dos rios na América do Norte, Europa, Oriente Médio e hemisfério sul”, disse Richard Seager, professor de pesquisa do observatório Lamont Doherty da Columbia University.

As temperaturas mais altas do planeta também significam que as vias navegáveis estão literalmente evaporando.

Ou, como diz Seager, o aquecimento da atmosfera “está sugando mais umidade da superfície da terra”.

(Colaboraram Kim Chipman e Samuel Dodge)

SESMEIROS DA PARAGEM DO RIO DO PEIXE - MARIA LEME DE OLIVEIRA / MANOEL FERREIRA PEREIRA

D^a Maria Leme de Oliveira, que, em alguns outros documentos, aparece mencionada como Maria Lemos de Oliveira, era filha de Lourenço Correa Rodrigues Paes e Catarina Bueno de Brandão (ou Prado), casados conforme Livro de casamentos n^o 1, v.2, fls.9 – Arquivo da matriz de São João Del-Rei. Moça paulista oriunda do seio de importantes famílias de sertanistas, casou aos 08-08-1731 na capela de São Miguel do Cajuru (Arcângelo) distrito da vila de São João Del-Rei, com Manoel Ferreira Pereira, natural da freguesia de Salvador do Monte Córdova, próxima à região do Porto, filho de Miguel Ferreira e Maria Ferreira⁽¹⁾. Manoel Ferreira Pereira e Maria Lemos de Oliveira foram grandes latifundiários na paragem de Nossa Senhora da Conceição da Barra. Manoel Ferreira foi vereador à Câmara Municipal (1744), e juiz da Câmara de São João Del-Rei (1750), tendo requerido ainda ao Santo Ofício a provisão para servir o Tribunal na condição de familiar⁽²⁾ encontrando, todavia, dificuldades, dadas as suspeitas de uma possível ascendência judaica por parte de seu avô materno da casa de Morouços, freguesia de Santa Cristina (Portugal).

Manoel Ferreira foi inventariado em 1764, sendo herdeiros a esposa Maria Leme de Oliveira e Manoel Ferreira (do Espírito Santo) de Oliveira, sobrinho de Manoel e seu inventariante (MRSJDR Inventário Cx. 22 – 1764). Bens arrolados no inventário: Fazenda Engenho de Baixo que foi do falecido José da Rocha, constando de matos virgens, capoeiras e sangradouros às margens do Rio das Mortes Grande, dividindo parte com Manoel Teixeira, com o falecido João Ribeiro da Costa, Manoel da



Silva e com o Rio do Peixe – com engenho de cana e farinha e demais benfeitorias, todas cobertas de telha com terras e águas minerais – 5:840\$000; Sítio Ibituruna na paragem do Macaco pelo Rio das Mortes abaixo em partes com José Rodrigues Pereira, Antonio Domingues – 450\$000; Escravos – 116; Ouro em barra 1:975\$000; Dívidas ativas relacionadas em torno de 80; Monte-mór 43:252\$833.

05-05-1766 – Requerimento de Maria Lemos de Oliveira, viúva de Manuel Ferreira Pereira, pedindo confirmação de sesmaria de meia légua de terra em quadra no distrito do Rio do Peixe, termo da vila de São José, Comarca do Rio das Mortes (AHU-Com.Ultra Brasil/MG cx. 87, doc. 89) Em 1768, D^a Maria Lemos requereu também a confirmação de sesmaria do sítio do Tanque, composto por matos, capoeiras e campos (AHU/MG cx. 92, doc.27).

Requerimento de Manuel do Espírito Santo, morador no arraial de Nossa Senhora da Conceição da Barra, termo da vila de São José, Comarca do Rio das Mortes, datado de 08-04-1866, pedindo carta de confirmação de sesmaria de meia légua de terra em quadra na paragem chamada Bom Retiro (AHU/MG Cx. 87, doc. 61).

D^a Maria Leme e Manoel Ferreira Pereira foram os doadores do patrimônio de seus sobrinhos (todos naturais de São João Del-Rei): 1. Pe. Victoriano da Paixão (com 64 anos em 1797), tendo requerido De Genere em 1758. Foi inventariado em 1800, tendo como inventariante seu irmão: o Pe. Francisco Xavier de Moura (IPHAN/SJDR R 187) Este, por sua vez, fez seu testamento na Fazenda do Tanque em 1807, sendo seu inventário post-mortem sido processado em 1809 (IPHAN/SJDR B. 362)⁽³⁾; o terceiro sobrinho Pe. Manuel Correa de Oliveira.

“Manoel Ferreira Pereira e Dona Maria Leme de Oliveira tiveram três sobrinhos, os irmãos chamados Victoriano da Paixão, Francisco Xavier de Moura e Manoel Correa de Oliveira, todos naturais de São João del-Rei. O primeiro tinha de idade cerca de 30 anos, o segundo 27 anos e o terceiro de idade desconhecida. Os indícios apontam que os três viviam em companhia do casal na Fazenda do Tanque e pretendiam se ordenar sacerdotes. Manoel Ferreira Pereira recorreu à influência e ao poder do vigário e comissionário do Santo Ofício José Sobral e Sousa para fazer correr a contento os trâmites do processo sacerdotal

de seus sobrinhos, valendo-se da ajuda da autoridade eclesiástica para transpor as burocracias que só “com ajuda de muito ouro” era possível” (Luiz Fernando Rodrigues Lopes – “Indignos de servir: os candidatos rejeitados pelo Santo Ofício Português 1680-1780” Ouro Preto, UFOP, , 2018, p. 233).

(Ver a matéria “O sesmeiro Manoel Ferreira Pereira” a seguir neste boletim).



NOTAS

(1) Arquivo da Matriz de Nossa Senhora do Pilar – São João Del-Rei (AMNP) Livro de Registro Paroquial de Casamentos da freguesia de Nossa Senhora do Pilar Livro 1, v.2, fls.9.

(2) ANTT-TSO-CG Habilitações Incompletas doc. 4106.

(3) Em seu testamento datado de 23-11-1807, “nesta minha fazenda do Tanque aonde moro e existo”, Pe. Francisco Xavier de Moura afirma “que os bens que possuo foram adquiridos pela minha indústria. Fui herdeiro de metade dos bens de minha tia Maria Lemos de Oliveira em pagamento pelo muito que lhe servi por muitos anos regendo toda a casa e fábrica com o peso de todos os negócios e também servindo como capelão” Solicitou, ademais, testamentariamente que fossem “rezadas 300 missas em sufrágio de sua alma, logo após seu falecimento, 100 missas pela alma de sua tia Maria Lemos de Oliveira, 100 pela alma de seu tio Manoel Ferreira Pereira...” (Testamento e inventário de Pe. Francisco Xavier de Moura – MRSJDR/IPHAN cx. 90 e cx. 362, anos 1808 e 1816).

O SESMEIRO MANOEL FERREIRA PEREIRA

Manoel Ferreira Pereira, um dos primeiros sesmeiros da “Paragem do Rio do Peixe”, era português, natural da freguesia de Salvador de Monte Córdova, localidade próxima ao Porto, filho de Miguel Ferreira e Maria Ferreira. Chegou como migrante à região das Minas de ouro nas primeiras décadas de ocupação do território, sendo aqinhoadado com sesmaria em 1748. Foi casado com Maria Leme de Oliveira, moça paulista, filha de Lourenço Correa Paes Rodrigues e Catarina Bueno do Prado, enlace realizado aos 08-08-1731 na capela de São Miguel do Caburu⁽¹⁾. Em alguns documentos, D^a Maria é mencionada ainda como “Maria Lemos de Oliveira”. Casal residente no sítio da Barra e ainda proprietários da fazenda do Tanque na paragem de Nossa Senhora da Conceição da Barra.

Manoel não só se enraizaria nas Minas como grande proprietário de terras, como também ganharia elevado destaque e notória autoridade na sociedade colonial da época. Em 1744, ocuparia uma cadeira da Câmara de São João Del-Rei e no anterior requereu ao Santo Ofício a provisão para servir ao Tribunal na ocupação de familiar (agente inquisitorial), encontrando, porém, restrições por suspeita de ser seu avô paterno, por profissão tendeiro, da casa de Morouços, freguesia de Santa Cristina, “de possível ascendência judaica”⁽²⁾.

Em 1750, desempenharia as elevadas funções de juiz da Câmara Municipal de São João Del-Rei⁽³⁾. Já em 1756 constava na lista dos homens mais ricos de Minas Gerais, na classificação “roceiro” (4). Já era falecido em 1764, com inventário post-mortem datado de 1763, inventariado pela viúva, tendo como herdeiros Maria e Manoel Ferreira de Oliveira, sobrinhos de Manoel (MRSJDR Cx B, código c-22). Bens inventariados: 116 escravos; ouro em barra – 1:975\$000; Fazenda do Engenho de Baixo que fora do falecido João (ou José) Ribeiro da Rocha com matos virgens, capoeiras, sangradouros às margens do Rio das Mortes Grande, engenhos de cana e de farinha e demais benfeitorias cobertas de telhas e águas minerais – 5:840\$000; Sítio em Ibituruna na paragem do Macaco (Rio das Mortes abaixo) – 450\$000; Monte-mor 43:252\$833 (Projeto Compartilhar – Maria

Leme de Oliveira)⁽⁵⁾. Seu testamenteiro foi Manoel do Espírito Santo (ou Manoel Ferreira de Oliveira, assim também mencionado), sobrinho de Manoel Ferreira Pereira⁽⁶⁾.

05-05-1766 – Requerimento de Maria Lemos de Oliveira, viúva de Manoel Ferreira Pereira, pedindo confirmação de sesmaria de meia légua de terra em quadra no distrito do Rio do Peixe, termo da vila de São José, comarca do Rio das Mortes (AHU-Con.Ultra Brasil/MG Cx. 87, doc.89 – D.7140). Em 1768, D^a Maria Lemos requereu também a confirmação da sesmaria do sítio do Tanque, composto por matos, capoeiras e campos (AHU/MG Cx. 92, doc. 27).

O casal Manoel Ferreira Pereira e Maria Leme de Oliveira foram os doadores do patrimônio de seu sobrinho o Pe. Victoriano da Paixão (este requereu De Genere em 1758) (Projeto Compartilhar – João Gonçalves de Mello / Aportes à Genealogia Paulistana) e ainda de outros dois sobrinhos sacerdotes Pe. Francisco Xavier de Moura (+ 1808) e Manuel Correa de Oliveira⁽⁷⁾.

NOTAS

(1) Arquivo da Matriz de Nossa Senhora do Pilar – São João Del-Rei (AMNSP) – Livro de Registro Paroquial de Casamentos n^o 1, v.2, fl.9

(2) ANTT, TSO CG Habilitações Incompletas doc. 4106.

(3) Fonte: Livia Nascimento Monteiro – “Administrando o bem comum: os “homens bons” e a Câmara de São João Del-Rei 1730-1760, Rio de Janeiro, UFRJ, 2010.

(4) Carla Maria Carvalho de Almeida – “Ricos e pobres em Minas Gerais: produção e hierarquização social no mundo colonial 1750-1832” Belo Horizonte, Ed. Argumentum.

“Quanto a Manoel Ferreira Pereira, caracterizado como roceiro (...) além de produtor e pecuarista, atuava como comerciante da própria produção. A enorme quantidade de animais de transporte pode ser indicativa da independência dessa unidade. Possuía o próprio engenho para beneficiamento da produção e os meios para transportá-la e negociá-la diretamente” (Keila Cecilia de Melo – “Elites em perspectiva: uma discussão sobre hierarquias, composição da riqueza e consolidação de grupos hegemônicos em São João Del-Rei” Oficina do Historiador, Porto Alegre, Edipucs. v. 7, n^o 1, jan/junho 2014, p. 17).

(5) A descrição inventariada dos bens de Manoel Ferreira Pereira é extensa, assaz detalhada e interessante, incluindo dezenas de escravos, casas de morada na “cabeça da comarca” (São João Del-Rei) sítio em Ibituruna, sítio do Tanque e da Barra etc. Bens e utensílios em ouro, prata e cobre. Vida privada luxuosa com dezenas de lençóis de linho, camisas de cambraia, linho e Bretanha, toalhas finas também de linho e ainda um rol de cabeleiras inventariadas, indicando a forma nobre, senão aristocrática, com o que então vereador e juiz se apresentava à sociedade mineira.

Avulta, ainda, aos olhos, os vastos investimentos agropastoris, incluindo rebanhos de gado muar, juntas de bois de carro, varas de porcos, imensos canaviais que irrigavam seus alambiques de cobre com a produção de milhares de barris de cachaça, comprovando ser Manoel Ferreira Pereira uma das maiores e mais pródigas fortunas da Comarca do Rio das Mortes.

A reprovação/inabilitação como agente inquisitorial, dada a suspeição de seu avô ser cristão novo (de sangue judeu) praticamente em nada afetou sua reputação, não impedindo que Manoel Ferreira se tornasse um dos mais distintos homens da elite mineira da época, acumulando imensa fortuna material, acesso à terra e minas, uma existência faustosa e ocupando elevados cargos administrativos na sociedade de então.

(6) Requerimento de Manuel do Espírito Santo, morador no arraial de Nossa Senhora da Conceição da Barra, termo da Vila de São João, Comarca do Rio das Mortes, datado de 08-04-1766, pedindo carta de confirmação de sesmaria de meia légua de terra em quadra na paragem chamada Bom Retiro (AHU/MG Cx. 87, doc.61).

(7) Manuel Ferreira Pereira e D^a Maria Leme de Oliveira tinham três sobrinhos, os irmãos Victoriano da Paixão, Francisco Xavier de Moura e Manuel Correa de Oliveira, todos naturais de São João Del-Rei, que viviam em companhia do casal de tios na fazenda do Tanque e todos com pretensões de se tornar sacerdotes. Manuel Ferreira Pereira recorreu à influência e ao poder do Pe. José Sobral e Sousa, vigário e comissário do Santo Ofício e notória autoridade eclesiástica, para agilizar o processo sacerdotal de seus sobrinhos, transpondo-se as burocracias de então só rompidas “com a ajuda de muito ouro”.

Pe. Victoriano da Paixão requereu De Genere em 1758 e ditou seu testamento em 1797, então com 64 anos, sendo inventariado em 1800, tendo como inventariante seu irmão Francisco Xavier de Moura (Iphan/SJDR R.187). Este, por sua vez, fez seu testamento na fazenda do Tanque em 1807, sendo seu inventário post-mortem processado em 1809 (Iphan/SJDR cx.90 e B.362 – anos 1808 e 1816). Em seu testamento, Pe. Francisco Xavier de Moura manda rezar 100 missas pela alma de cada um de seus tios e mecenas Maria Lemes de Oliveira e Manoel Ferreira Pereira (IPHAN/MRSJDR cx. 90 – 1808).

LOCALIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS SESMARIAS CONCEDIDAS NA ‘PARAGEM DO RIO DO PEIXE’

Há precária documentação disponível, até o momento, - no mínimo, pouco estudada - quanto à real localização das sesmarias iniciais distribuídas pela Coroa Portuguesa aos primeiros moradores e sesmeiros de nossa região, denominada nas cartas de sesmaria como “Paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe” ou “Paragem do Rio do Peixe”, mais especificamente quando da abertura do chamado “Caminho” ou ainda “Picada de Goiás”. Dispomos hoje de melhores recursos tecnológicos quanto a melhores estudos e pesquisas, envolvendo leitura mais minuciosa das cartas de sesmarias, acesso a mapas históricos e relatórios de expedições (da época), uso de georeferenciamentos, softwares específicos etc., cabendo, a nosso ver, a atuação do Poder Público municipal, universidades sediadas na região, associação de municípios etc.

Algumas das primeiras sesmarias concedidas na primeira metade do século XVIII – ou ainda testamentos e/ou inventários de sesmeiros mais antigos como também De Genere de sacerdotes filhos destes sesmeiros – há referências toponímicas diversas, dentre elas a da “Boa Vista”, decerto o povoado, vila e hoje cidade/município de Conceição da Barra de Minas. Boa Vista, aliás, é mencionada em inúmeros documentos da época, ora como sítio, bairro, aplicação, termo, capela etc.

Há que se observar que a edificação de capelas, como as de Nossa Senhora da Conceição (da Barra) em 1726, a de Santa Rita (do Rio Abaixo) em 17.26, a de São Gonçalo do Amarante (atual Caburu) – 1736, de São Tiago (1761), a de Nossa Senhora da Penha da Lage de França (1749) contribuiriam para melhor referenciar a localização das sesmarias e comunidades que se agregavam em suas adjacências ou áreas de influência. Para estas capelas ou ermidas direcionavam-se os eventos religiosos como celebrações de missas, procissões, batizados, casamentos etc. e mesmo atividades sociais. Parece-nos, outrossim, que os hoje municípios que compunham a chamada “Paragem do Rio do Peixe”, mormente Conceição da Barra e Ritópolis, tinham jurisdição territorial maior ou superposta e que seus marcos geográficos tenham sido desconsiderados ou alterados ao longo do tempo quando das divisões territoriais de distritos (hoje municípios).

Autores conceituados como Waldemar de Almeida Barbosa enfatizam a importância da capela – ao lado do caminho e da mineração – como elementos básicos na formação dos povoados mineiros. Subentende-se que a ereção da capela, por demanda dos moradores – muitos deles estabelecidos de forma dispersa ao longo de determinado território, passa a satisfazer-lhes as necessidades religiosas como o preceito da missa, celebrações litúrgicas e sacramentais (batismos, casamentos, funerais etc.). “Quando um grupo mais ou menos numeroso ocupava de maneira definitiva uma parte do sertão, surgia naturalmente a ideia da capela. Dado o patrimônio, formava-se o povoado muito lentamente. Depois de algum tempo, era criada a paróquia. E só depois de muitos anos, geralmente como resultado de abaixo assinado da população era criada a vila.” “Levantada a capela, iam surgindo casas ao seu redor, construídas dentro do patrimônio, geralmente pelos próprios fazendeiros; casas que se mantinham fechadas durante a semana inteira, abrindo-se aos domingos. Depois aparecia uma venda, surgia um pouso, outras casas eram construídas e estava formado o povoado” (História de Minas, vol.II).

Preciso afirmar que não somente capelas foram os embriões de nossas atuais cidades. “Dezenas de povoações germinaram às margens dos trilhos, sobre as pousadas dos bandeirantes, junto aos ranchos dos tropeiros, nos vãos dos rios e principalmente em derredor das minas. Um tosco cruzeiro, uma rude capelinha, uma pequena venda, meia dúzia de casinhas de taipa e eis pronto um arraial, embrião das futuras cidades mineiras. Nascidas todas em função do ouro, rapidamente evoluíram, transformadas em centros cívicos, religiosos, sociais, culturais e econômicos da nova Capitania” (Antonio Gaio Sobrinho – “Memórias de Conceição da Barra de Minas” 2002, p. 20).

“A ILHA DE DOUTOR MOREAU” - UMA SÁTIRA MORDAZ AO NOSSO MUNDO E ÀS NOSSAS INSTITUIÇÕES

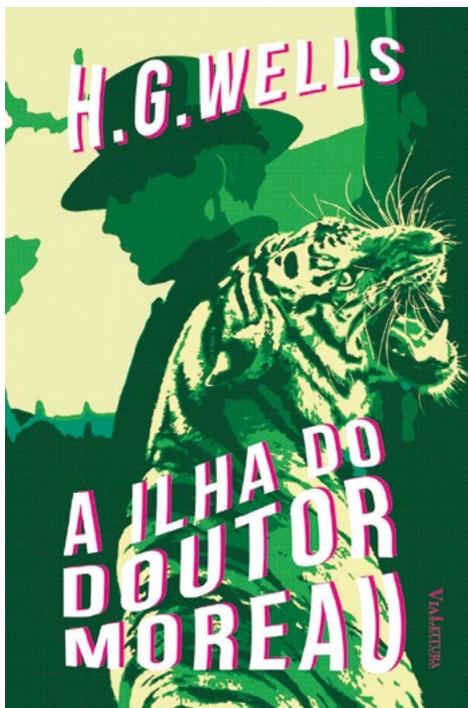
O intrigante livro “A Ilha de Doutor Moreau” do escritor inglês Herbert George Wells (1866-1946), ainda que obra de ficção, incita-nos sérias reflexões⁽¹⁾. Publicado em 1896, merece, ainda hoje, estudos e análises por pesquisadores, críticos e leitores. O enredo conta a saga de Edward Prendick, único sobrevivente de acidente marítimo, que consegue alcançar uma ilha perdida no Oceano Pacífico, onde cientistas, sob a chefia de Doutor Moreau, um inglês exilado, realizam experiências macabras – um teatro de horrores – no intuito de transformar animais em seres humanos, os chamados “humanimais”. A ilha – observa o naufrago aterrorizado – de densas florestas, era habitada por estranhas criaturas bestiais, “o povo animal”, de aparência humana, frutos de experimentos tenebrosos e perturbadores de Dr. Moreau e de seu assistente Montgomery.

Os “humanimais” são incapazes de trabalhar inteligência e sentimento; a lei barbaramente imposta e castigos corporais não são suficientes para modular instintos em vontade, a inteligência animal em inteligência ou racionalidade humana. Assim, cidadania e civilidade não podem ser impostas a ferro e fogo.

O livro – assim como outros de autoria de Wells⁽²⁾ – é, em si, uma metáfora, uma alegoria, uma sátira mordaz ao nosso mundo. O funcionamento daquela sociedade semi-humana, as interações entre seres bestiais e personagens humanos, descritos pelo autor, são uma dura crítica ao nosso status quo – a política, o Estado, a religião, relações de poder, conceito de civilidade e a sociedade em geral. A violência institucionalizada, a impostura da lei, abusos de poder, a imprevisibilidade do comportamento, atitudes humanas assustadoras, provocando marcas profundas, quando não sinistras na memória social. Meras, repetitivas declarações sobre direitos ou valores ditos democráticos, religiosos e sequer o peso da lei não geram sua incorporação ou assimilação.

Em suas tétricas experiências eugênicas, Dr. Moreau utiliza-se de técnicas como cirurgias, vivissecção, dentre outras. A dupla e atroz metodologia adotada por Dr. Moreau: externamente, mutilações de corpos, a fim de se tornarem antropomórficos e internamente para transformar a mente do animal por meio de hipnose (lavagem cerebral) da mesma forma que as leis, os rituais religiosos, as ideologias autocratas. Tudo na base da violência, seja ela física, ideológica, mental – o domínio pelo medo, pelo chicote⁽³⁾.

A obra retrata a face perversa e sombria do colonialismo, o choque entre civilizado e primitivo, onde sob a desculpa de progresso, de um discurso missionário e civilizatório, o colonialismo – político, religioso, doutrinário – não civiliza e sim animaliza a todos, destruindo valores, desrespeitando culturas.



NOTAS

(1) Livros no mesmo modelo e enredo (ficção científica e aventuras em locais exóticos) foram tratados por outros romancistas da época. Exemplos: “A Ilha do tesouro” – Robert Stevenson; “A Ilha do Coral” R.M. Ballentyne; obras de Júlio Verne etc.

“A Ilha de Doutor Moreau” foi transposto para as telas em 1977 – filme que teve como ator principal Burt Lancaster e nova versão em 1996 estrelada por Marlon Brando. Foi parodiado em episódios de “Os Simpsons” e ainda em vários episódios da série Orphan Black produzida pela BBC. Aparece ainda em várias histórias em quadrinhos a saber Marvel Comics, X-Men (1977) e ainda em edições da Ed. Abril (1991), Ed. Mithos (2003), Ed. IDW (2019).

(2) Outras obras e best-sellers de H.G. Wells: A Máquina do Tempo (1895); O Homem Invisível (1897); A Guerra dos Mundos (1898); O Alimento dos Deuses (1904); Os Dias do Cometa (1906); A História Universal – 2 vol. (1950); O Dorminhoco (1910 – sátira do capitalismo. Enquanto o magnata dorme, seu patrimônio aumenta, sustentado pelo trabalho dos operários explorados.

(3) Os aspirantes a humanos eram submetidos, outrossim, a rituais e recitações litúrgicas dirigidos por um “recitador da lei” como força de garantir a autopersuasão. Falhando a liturgia hipnotizadora, a lei passa a ser o chicote, sessões de tortura na “casa da dor” ou seja a passagem do animal para ser humano só é possível mediante o emprego da “própria lei”, do castigo. Formas ineficazes, porquanto não há sintonia intelectual-senciente entre os selvagens e a lei humana; dessa forma, normas de conduta sem fundamento, sem perspectivas de futuro desaparecem, quando retirado o chicote, símbolo da lei e do terror teleológico.

A mensagem de Wells vai além: a imposição de conceitos, através de legislação, doutrinação é inócua, contraproducente se não houver sua contextualização, validação consciente, internalização, racionalização. Em suma: há que se ter sintonia, afinidade entre o sentimento de pertencimento comum e o senso de justiça da mesma comunidade. Afinal “cada pessoa é a união do intelecto e do desejo, da razão e do sentimento” (Aristóteles).

CITAÇÕES DE H.G. WELLS

- Um homem pode ser feroz e pode ser sagaz, mas para dizer uma mentira é necessário ser um homem de verdade.
- Lá fora, os uivos pareciam ainda mais altos. Era como se todo o sofrimento do mundo estivesse concentrado numa única voz. E, no entanto, eu sabia que, se toda aquela dor estivesse sendo experimentada no aposento ao lado por alguém sem voz, acredito (e penso nisso desde então) que eu poderia conviver com ela. É somente quando a dor alheia é dotada de voz e põe os nossos nervos à flor da pele que a piedade brota dentro de nós.
- A grandeza de um homem pode ser medida por aquilo que ele deixa para crescer e se ele introduziu uma nova mentalidade com tamanho vigor que perdurará após ele. A julgar por este teste, Jesus ocupa o primeiro lugar.
- Se você caiu ontem, fique de pé hoje.

INDOLÊNCIA INSTITUCIONALIZADA

Há algum tempo, o repórter de uma grande emissora de televisão entrevista um casal de coreanos, proprietários de uma empresa de x-burger, vendidos em quiosques na capital paulista. Serviço duro realizado pela família, preparo e venda, sem horário de término, às vezes madrugada adentro. Pergunta o repórter:

- E férias?

Resposta da empreendedora: - Palavra que praticamente não existe para nós...

Sabe-se que os orientais – por questão de cultura e de dificuldades de vida em certos países – trabalham de forma vigorosa, obstinada. É vergonhoso o usufruto de férias prolongadas e impensável o emprego de artimanhas para não se trabalhar ou para se ganhar indevidamente.

O oposto, para muitos, em nosso País. Recessos indevidos, férias esticadas, direitos absurdos, mandrônicas, invencionices, la dolce vita compõem o cardápio de vários cidadãos, com a ajuda de autoridades. Aliás, são elas as promotoras dos privilégios. Assim, enquanto empresas privadas, comércio, indústria, serviços privados funcionando, o trabalhador se lascando eis órgãos públicos fechados, como se

observa no carnaval e em quaisquer outros feriados. O país do “berço esplêndido” para uma minoria! Quanto prejuízo para a economia, para a democracia e a cidadania!

Fazem isso, pois têm o pobre contribuinte a sustentar a máquina geralmente ineficiente (ressalvadas as honrosas exceções).

Não param aí os contrassensos desse nosso sofrido Brasil. Ao ensejo do carnaval – assim contava um empresário com negócios na Grande BH – ei-lo impedido de abrir suas lojas, mesmo sendo ponto facultativo, por ameaças sinistras oriundas do sindicato de trabalhadores da categoria (que orientou seus sindicalizados a não trabalhar nos citados dias). O sindicato comunicou, de forma truculenta, que se abertas as portas, seriam tomadas medidas legais contra as empresas bem como ações junto ao Ministério Público, blitz de agentes do sindicato acompanhados in loco pela imprensa e por afora. Pensou o empresário em trabalhar com a ajuda dos familiares, mas ainda assim teve que recuar, pois temeu, igualmente, ações truculentas do sindicato, de alguma autoridade, além do risco de assaltos.



Poder Público e Sociedade

Quem mantém o Estado? Em função de quê e para quê há a administração pública? Perguntas que se fazem cada vez mais necessárias e incisivas. O Estado está a serviço da sociedade e não o contrário como pensam e agem muitos, devendo pois prestar serviços de qualidade e em um ambiente de respeito, correção, organicidade e integridade.

Afinal, a sociedade é exaurida em termos de pagamento de impostos, carreados aos trilhões para o Erário. Muito esforço, suor despendidos pela população e com reduzido retorno social.

Espera-se, pois, um comportamento cívico, profissional, efetivo na prestação de serviços e assim, fortalecer-se a imagem de confiança do Poder Público junto a coletividade.

O agente público – seja ele servidor de carreira ou gestor temporário – deve conduzir-se pela sua relevância funcional, pela observância do interesse social, pela transparência, engajamento. E muitos – em sua maioria – o fazem, sem dúvida com todo o mérito.

A razão de existir do Estado é servir a sociedade, cabendo ao servidor e administrador público a preservação da imagem e reputação dos agentes de prática e consolidação de valores ético-profissionais de confiabilidade e de eficiência.

São princípios básicos quanto a atuação profissional do agente público, nos termos constitucionais: legalidade, impessoalidade, moralidade, transparência, eficiência, justiça, honestidade, coope-

ração, disciplina, responsabilidade, respeito, humildade, empatia.

A legislação, que rege o assunto – conduta do servidor público – é ampla. Dentre elas o Decr. 9203 de 22.11.2017; Deer. 1171, de 22.06.1994; Decr. 6029 de 01.02.2007. Lei 8112 de 11.12.1990. Código de ética e Manual de Conduta do agente público, do poder executivo (federal, estadual, municipal).

Cabe ainda ao Poder Público – no nosso caso diretamente a Prefeitura e Estado – manter canais para que tantos os agentes públicos quanto o cidadão comum possam relatar queixas, sugestões, violações do padrão de atendimento sem temor de retaliação ou punição.

Agente público abrange extensivamente servidores comissionados, eletivos, temporais, terceirizados, funcionários de entidades da administração direta e indireta (autarquias fundações).

Deve-se ater ainda à ritualização e grandeza do cargo de servidor ou gestor público que devem primar a conduta pela austeridade, disciplina hierárquica, sobriedade inclusive no trajar, no uso elevado e ponderado da linguagem, no relacionar-se socialmente. Aplicável igualmente a qualquer cidadão

Repreensível e inaceitável, por conseguinte, a prática de desperdício de recursos públicos, abuso de autoridade, fraudes, desrespeito ao cidadão e de se agir como se não tivesse que prestar contas a ninguém!

DA PÁ VIRADA IR PRÁS CUCUIAS DE MALA E CUIA

dapá VIRADA

A expressão “da pá virada” tinha originalmente o sentido de “pessoa desocupada”, “inútil” “destoante dos padrões sociais”, “de má índole”, “aventureira”, adquirindo, com o tempo, outras conotações como “pessoa amalucada”, “hiperativa”, “impetuosa”, “imprevisível”, “criança arqueira”. Pode ser igualmente elogiosa, no sentido de pessoa competente, habilidosa, criativa, diferenciada.

Trata-se de expressão já registrada nos dicionários e escritos literários do século XIX (o mais antigo conhecido data de 1853). O dicionário Houaiss registra a expressão com as variações de alguém buliçoso, brincalhão, desordeiro, turbulento, debochado, licencioso. Segundo o sociólogo e folclorista Luis da Câmara Cascudo (1898-1986), a expressão é de origem brasileira surgida no século XIX, no sentido de que a pá – instrumento de trabalho – estando virada para baixo, é inútil.

Seria, segundo outros pesquisadores, uma corruptela da expressão gaúcha “da aspa virada” (há ainda a variante “da aspa torta” também gaúcha) no sentido de “mal humorado”, “irritado”, lembrando que “aspas” são os chifres ou cornos do boi. Um animal com os chifres virados é algo fora do padrão, inusual e imprevisível caso ele ataque. Há também quem afirme ser uma corruptela do adjetivo espanhol “despabitado” (pessoa insone; pessoa vivaz que tem facilidades/habilidades na aprendizagem).

Ir Prás Cucuias

Expressão muito comum no sentido de “falhar”, “malograr”, “morrer” “ir para o bebeléu”. A expressão teria surgido no bairro Cacua na Ilha do Governador (RJ). Quando alguém da região falecia, os conhecidos diziam “foi para o cemitério do Cacua”. Com o tempo a oralidade transformou “cacua” em “cucua”. (Fonte: Livro “Conversando é que a gente se entende”, autoria de Nelson da Cunha Mello).

Tem também o sentido de ir a algum lugar real ou imaginário, talvez a tribo dos índios cucuianos entre os rios Panamá e Marapi (MA) ou a localidades da Bahia e Pernambuco que tem a mencionada denominação.

Divergem os etimólogos e linguistas sobre a origem da palavra “cucua”. Segundo alguns, dentre eles a profª Nancy Arakaki, é de origem tupi – kukui – “soltar-se”, “perder pedaços” (Obra “Memória Cultural e Linguística do Brasil Colônia”).

Para o filólogo José Pedro Machado, a palavra vem do malaio – verbo ku-khuka – que significa “bradar”, “dar rebate”, tendo ligação com as antigas navegações. O grito de rebate dando sinal do inimigo ou entre os navegantes dando sinal de terra (cucuiada). Na Índia a palavra “cucua”, por sua vez, tem o sentido de rumor de vozes, algazarra.

de mala e cuiia

Diz-se da pessoa que juntou tudo o que tem e parte (muda-se) para outro lugar onde irá residir temporária ou definitivamente. Expressão de origem nordestina caracterizando o viajante ou retirante que usava a cuiia como recipiente para beber água ou acondicionar a farinha ou outro alimento seco no trajeto. A cuiia serve como vasilhame ou prato nas casas de farinha nordestina. “Voltou logo trazendo pães, postas de peixe frito e uma cuiia com farinha” (Franklin Távora – O Cabeleira – cap. 11, p. 155). Para outros, trata-se de uma acepção gaúcha, onde a cuiia é utilizada para o tradicional chimarrão, sendo um objeto inseparável em casos de mudança domiciliar. Há no sul do País uma outra variante, no sentido de que a pessoa trouxe (ou levou) excesso de bagagem, ou seja além do necessário.

Tinha a expressão, originalmente, um sentido de “viajar sem bagagem” ou com o “mínimo necessário”, adquirindo, com o tempo, o significado de “mudar-se de vez”. Expressão que teria se disseminado, Brasil afora, com a chegada ou êxodo de nordestinos e sulistas para outras partes do País, especialmente São Paulo e Sudeste.

A cuiia, um fruto brasileiro, é uma espécie de cabaça (Cabaça, segundo filólogos, é uma palavra de origem árabe).

A letra de uma música do cantor Flávio Leandro diz “Pode vir de mala e cuiia, amor / que eu não vou tá nem aí pro povo”. Uma tradicional rede de restaurantes de comida mineira tem a pitoresca denominação de “Mala e Cuiia”.

Há uma expressão correspondente em inglês, de origem militar, (“retreat bag anda baggage”) no sentido de “bater em retirada”, “retirar-se de um lugar onde estavam estacionados, nada deixando para trás”. Diz-se que Conrad Hilton chegou ao Texas “bag and baggage” em 1919 com o objetivo de adquirir um banco, acabando, porém, por investir em um hotel, o primeiro da cadeia de hotéis Hilton espalhadas pelo mundo.

Bola de neve

Aquilo que aumenta progressivamente. Expressão usada para dívidas que aumentam muito por causa de juros crescentes, muitas vezes ocasionando em situações incontroláveis e muito difíceis de reverter.

Exemplo: “Trabalho muito informalmente, às vezes posso não ter dinheiro para pagar lá na frente. Isso vira uma bola de neve.”



CORRER ATRÁS DO DINHEIRO

Luta pela sobrevivência, diz-se que é o esporte marcial de todo o brasileiro. Refere-se a esforço constante, tanto em emprego formal quanto informal. Traz uma perspectiva individual de dar certo, vencer na vida.

Exemplo: “Ter um mínimo de dignidade sabe? Não estar sempre apertada, sempre correndo atrás do dinheiro.”



MÃO DE VACA

Poupador em potencial, pessoas que não gastam em supérfluo. Quando usada positivamente se refere ao poupador, quando usada negativamente se refere a avareza. Ver “Sovina”.



Chuchu Beleza

Essa expressão quer dizer algo bom, bacana. Não é muito utilizada, mas também não desapareceu completamente do vocabulário moderno. Já o uso da palavra chuchu para se referir a uma pessoa querida ou encantadora ainda é muito comum.

- Essa viagem vai ser chuchu beleza.
- Está tudo chuchu beleza contigo?
- Você é um chuchuzinho!
- Ela é um chuchu de pessoa.



SEMEIA SEMPRE...

No campo, tu és um sementeiro.
 Não podes fugir a responsabilidade de semear.
 Não digas que o solo é árido, que não chove frequentemente,
 Que o sol queima, ou que a semente não serve.
 Não é a tua função julgar a terra e o tempo.
 Tua missão é semear. A semente é abundante!
 Um pensamento, um sorriso, um olhar carinhoso, uma palavra suave,
 um gesto de compreensão,
 um copo de água são sementes que germinam facilmente.
 Não semeies descuidadamente
 como quem cumpre uma missão superficial ou forçada.
 Semeia com interesse, com amor, com atenção,
 Como quem encontrou nisso o motivo central de sua felicidade.
 E ao semear, não penses: quanto receberei em troca?
 Quanto demorará a colheita?

Recorda que não semeias para te envaidecer, para receberes agradecimentos.

Tu semeias porque não podes estar ocioso,
 porque não podes viver sem dar e sem doar-te.
 És dono de ti mesmo, da vida e do Universo!
 Tua semente, pois, não cairá no vazio.
 Sem esperar recompensa, tu a receberás.
 Sem esperar riquezas, tu enriquecerás.
 Sem contar com a colheita, tudo se multiplicará.
 E isso, porque tu semeias no Reino onde dar é receber,
 Onde perder a vida é encontrá-la, onde gastar servindo é aumentar.
 Semeia, semeia sempre, em todo terreno, em todo tempo, em todo lugar a boa semente... Com amor e interesse: como se estivesse semeando o próprio coração."
 Sê, pois, um sementeiro.

*Professor Álvaro Palmeira
 Grão-Mestre Geral Honorário*

GABRIELA MISTRAL



O PRAZER DE SERVIR

Toda a natureza é um serviço.
 Serve a nuvem, serve o vento, serve a chuva.
 Onde haja uma árvore para plantar, plante-a você;
 Onde haja um erro para corrigir, corrija-o você;
 Onde haja um trabalho e todos se esquivam, aceite-o você.
 Seja o que remove a pedra do caminho,
 O ódio entre os corações e as dificuldades do problema.
 Há a alegria de ser puro e a de ser justo;
 mas há, sobretudo, a maravilhosa, a imensa alegria de servir.
 Que triste seria o mundo, se tudo se encontrasse feito,
 se não existisse uma roseira para plantar, uma obra a se iniciar!
 Não o chamem unicamente os trabalhos fáceis.
 É muito mais belo fazer aquilo que os outros recusam.
 Mas não caia no erro de que somente há mérito nos grandes trabalhos;
 há pequenos serviços que são bons serviços:
 adornar uma mesa, arrumar seus livros, pentear uma criança.
 Aquele é o que critica; este é o que destrói; seja você o que serve.
 O servir não é faina de seres inferiores,
 Deus que dá os frutos e a luz, serve.
 Seu nome é: AQUELE QUE SERVE!
 Ele tem os olhos fixos em nossas mãos
 e nos pergunta cada dia: SERVIU HOJE? A QUEM?
 À ARVORE? A SEU IRMÃO? À SUA MÃE?